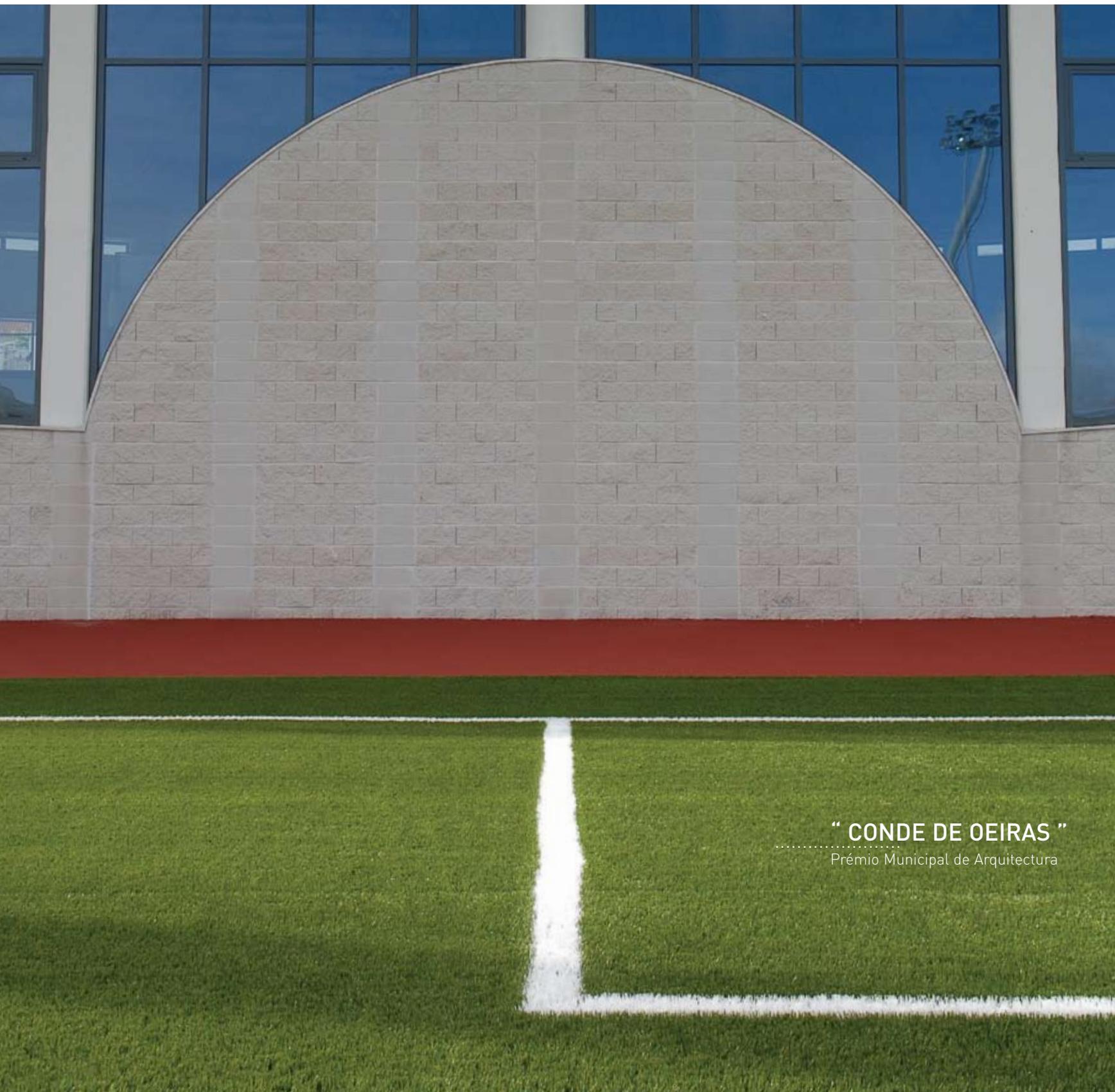




OEIRAS EM REVISTA

CÂMARA MUNICIPAL OEIRAS | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | IMPRESSÃO 0,50€ | Nº 97 | OUT08



“ CONDE DE OEIRAS ”

Prémio Municipal de Arquitectura



| ENTRE NÓS |



| LAÇOS |



| A DOIS |



| INOVAÇÃO |



| A ARTE DO SABOR |

- 04 INEVITÁVEL
- 06 ENTRE NÓS
TRATOLIXO
- 12 A NOSSA CAPA
PRÉMIO MUNICIPAL DE ARQUITECTURA
- 18 LAÇOS
CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL
CRISTO-REI DE ALGÉS
- 26 PARCERIAS
OEIRAS PARQUE
- 32 A DOIS
ARTUR TORRES PEREIRA
- 44 PROJECTOS DA AUTARQUIA
RENOV
- 52 OEIRAS IMAGINÁRIA
LIMITE-FORTE
- 58 INOVAÇÃO
RISE
- 64 INESQUECÍVEL
- 66 A ARTE DO SABOR
PAU DE LOURO
- 69 BIOGRAFICAMENTE

| FICHA TÉCNICA |

DIRECTOR

Isaltino Morais

PRODUÇÃO

Elisabete Brigadeiro

EDITORA

Carla Rocha / crocha@cm-oeiras.pt

TEXTOS

Carla Rocha

Carlos Vaz Marques

Luís Maria Baptista

Sónia Correia

FOTOGRAFIAS

Albérico Alves

Carlos Santos

Carmo Montanha

Luís Maria Baptista

Sérgio Serol

IDEIA GRÁFICA

Atelier Formas do Possível

www.formasdopossivel.com

PAGINAÇÃO

Costa Valença Pub. Lda.

www.costavalenca@gmail.com

PROPRIEDADE

Município de Oeiras

IMPRESSÃO

Sogapal

TIRAGEM

20.000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

86817/95

ISSN

1646-5970

EXECUÇÃO

Gabinete de Comunicação

<http://www.cm-oeiras.pt/>

Cara(o) Munícipe,

Escrevo o editorial desta Oeiras em Revista na profunda convicção de que vai gostar do que aqui lhe apresentamos. É e tem sido altamente gratificante para mim poder disponibilizar aos nossos munícipes - e aos de muitos outros Concelhos, pelo país fora -, uma parte significativa do que Oeiras tem de melhor e tem de diferente. O nosso objectivo é simples: queremos mostrar, foto a foto, texto a texto, que temos um Concelho de qualidade, de crescente qualidade. A nossa motivação é óbvia: temos um grande orgulho na nossa terra e no nosso tempo.

Com isto apresento-lhe o tema de capa, o V Prémio Municipal de Arquitectura "Conde de Oeiras" que premeia a construção e a reabilitação urbana no nosso Concelho. No livro alusivo ao Prémio, escrevi sobre a necessidade de combater o púbere preconceito que uns, ingénua ou maliciosamente, designam por "política do betão". Disse aí: "o betão, chamemos-lhe assim, são as nossas casas, que nos oferecem o conforto que as gerações anteriores nunca puderam usufruir. O betão são as escolas e creches que permitirão aos nossos filhos estudar de forma a acabar com um atraso estrutural que se arrasta por séculos. O betão são os hospitais, as estradas, as pontes, os escritórios, muito do que marca impressivamente a diferença entre o país moderno e integrado que somos (ou estamos perto de ser) e o país atrasado, isolado e subdesenvolvido que éramos, há umas poucas décadas atrás. Não é tudo, certamente, mas é um princípio essencial do modo de vida a que aspiramos."

Penso que este V Prémio de Arquitectura, iniciativa da Câmara de Oeiras, expõe o justo sentido das minhas palavras. A paisagem urbana espelha, como sempre o fez, o tipo de relação que o Homem estabelece com o Meio e é hoje um elemento absolutamente estruturante do seu quotidiano. O apartamento, o elevador, o "halll" do prédio, o jardim à frente de casa, o parque das crianças, o passeio até à farmácia, o café, o ginásio, o emprego, são traços civilizacionais que enformam aquilo que somos e aquilo em que nos tornámos. Sendo a nossa casa, são a nossa vida. Por isso e porque acredito que é possível fazer mais e melhor, defendo a valorização do que é excelente, do que progride, do que nos faz, por exemplo, olhar para um edifício e esboçar um sorriso ou sentir algo de especial, de novo, de bom. E isto não são pormenores, isto é o essencial.

Segundo o recente estudo "Um olhar sobre a pobreza infantil: Análise do bem-estar das crianças" (Amélia Bastos, Graça Leão Fernandes, José Passos, Maria João Malho), entre outras coisas, as condições de habitabilidade das crianças de Oeiras são das melhores da região de Lisboa. Uma percentagem elevada vive em moradias ou apartamentos maiores, mais bem equipados e com variedade de brinquedos. E, acrescento, terão em breve acesso às melhores escolas do país.

Imagine-se, tudo isto feito com betão.

O Presidente da Câmara

Isaltino Morais



Paula Rego, Lela a brincar com Gremlin, 1985, acrílico sobre papel colado em tela, 220 cm x 200 cm

CAMB

Centro de Arte Manuel de Brito
Palácio Anjos, Algés

PAULA REGO

Paula Rego é uma das artistas portuguesas mais importantes da contemporaneidade das artes plásticas portuguesas e o seu trabalho constitui um dos núcleos mais representativos da Coleção Manuel de Brito. Esta exposição, apresentará trabalhos produzidos desde os finais dos anos 50 à actualidade. A importância destes trabalhos no conjunto da obra de Paula Rego, quer pela sua diversidade, quer ao nível das temáticas, suportes e técnicas, permitirá através de uma apresentação cronológica a possibilidade de uma leitura e de um estudo da evolução do trabalho da artista no decorrer deste período .

Terça a Domingo, das 11H30 às 18H, última sexta-feira de cada mês das 11H30 às 24H00.
Mediante condições de acesso.

Contactos

Palácio Anjos, Alameda Hermano Patrone, 1945-064 Algés
Tel. 21 4111400
www.camb.pt – camb@cm-oeiras.pt
Inscrições Serviço Educativo:
Tel. 214111400 / 02
ana.guerreiro@cm-oeiras.pt

Condições de Acesso: Normal - 2€ pax; Grupos de 10 ou mais pessoas - 0,50€ pax; Familiar (três ou mais elementos) 1€ pax; Jovem (13 aos 25 anos) 1€ pax; Professores, Grupo de amigos de Museus, Funcionários de Museus e Instituições Culturais - 1€ pax; Sénior (a partir dos 65 anos) 1€ pax; Gratuitos – Crianças, Funcionários da CMO e SMAS, Grupos escolares, Jornalistas, Alunos da Escola de Belas Artes, Investigadores Credenciados, Profissionais de Turismo no exercício das suas funções, Moradores no Concelho com mais de 65 anos (Inclusive).



TRATOLIXO

a tratar do amanhã

texto de Carla Rocha
fotos de Carmo Montanha

Quando se chega a Trajouce, a sinalética informa que estamos perto da Tratólixo, e assim que se chega à empresa, a limpeza, o cuidado, o gesto simpático, o sorriso dos trabalhadores mostra-nos que, apesar de ser um trabalho que possui algum estigma (trabalhar com o lixo) aqui tudo se passa numa outra dimensão. Ao trabalharem em prol do futuro de todos nós, há como que uma acendalha de satisfação, de alegria incontida, de tarefa fundamental para o futuro sustentado.





Domingos Saraiva,
Presidente do Conselho Administrativo da Tratolixo

O Presidente do Conselho de Administração da Tratolixo, Domingos Saraiva, descortinou todos os preconceitos que levávamos na manga e saímos de lá com uma ideia bem diferente relativamente a este sector, que é tudo menos sujo. Começamos pelo nome, Tratolixo que segundo Domingos Saraiva, era representativo da actividade da empresa quando foi constituída em 1991, mas que já está excedida. Domingos Saraiva nunca deixa nada por explicar e é nessa óptica que nos diz que a designação de lixo está ultrapassada, e deveria ser substituída por resíduos e relativamente ao 'Trata' também não reflecte a actualidade, porque: «não tratamos, valorizamos». Feito esta apresentação, embora tenhamos ido à TratoLixo, podemos ousar e dizer que estivemos na valorizaResíduos.

Um pouco de história

A Tratolixo, EIM é uma empresa intermunicipal de capitais maioritariamente públicos, detida em 100 % pela AMTRES (Associação de Municípios de Cascais, Mafra, Oeiras e Sintra para o tratamento de resíduos sólidos). Foi criada com o objectivo principal de fazer a gestão e exploração das unidades de tratamento de resíduos existentes em Trajouce, nomeadamente da unidade de compostagem (central industrial de tratamento de resíduos sólidos – CITRS), tendo-lhe sido posteriormente concessionada, pela AMTRES, a gestão e exploração do sistema de gestão de resíduos destes municípios. O sistema abrange uma área geográfica de 753 km², servindo uma população de 850.879 habitantes. Desta quantidade, Oeiras constitui 170.677 hab, dos quais produzem 75.010 t de resíduos o que dá a media de 1.204 kg/hab.dia. Quando a empresa foi pensada e foi constituída, o volume de lixo produzido por pessoa era bem diferente do que se produz na actualidade, e se é difícil percebermos esta realidade, basta reflectirmos no que Domingos Saraiva diz: «Hoje vem tudo embalado, e pode reflectir se hoje não enche um caixote do lixo mais frequentemente do que há uns anos? Certamente que diz que sim, porque hoje podemos comprar quatro iogurtes que tem à volta uma caixa de plástico que por sua vez traz um cartão e ainda um plástico. Há uma produção acentuada de materiais que facilmente dispensamos e colocamos no lixo. Mesmo a outro nível, antigamente comprava-se uma mobília que durava uma vida, hoje gosta-

mos de mudar várias vezes. A produção de lixo acentua-se de ano para ano». Desta feita, facilmente se percebe que a Tratolixo, na sua Unidade de Tratamento Mecânico e Biológico por Compostagem (TMB) que possui uma capacidade nominal de recepção de resíduos indiferenciados de 500 t/dia, está actualmente a receber o dobro. Para além da Unidade de Tratamento Mecânico e Biológico por compostagem, a unidade de Trajouce possui uma Central de Triagem, com uma capacidade de processamento de 1 t/hora na linha das embalagens e 2 t/hora na linha do papel/cartão, e três Ecocentros, destes três, apenas um é em Trajouce sendo os restante, um na Ericeira e outro na Abrunheira. Com o esgotamento da capacidade do Aterro Sanitário de Trajouce, a Tratolixo viu-se forçada a arranjar uma solução que após alguns reveses está, nos dias de hoje, a ser implementada e que consiste na compostagem, mais digestão anaeróbia, mais incineração e mais aterro sanitário de apoio.

O Presente sustentável

Para percebermos um pouco o presente, temos de dar um salto ao passado recente, nomeadamente ao início de 2007 quando a Tratolixo viu alteradas as suas competências no Sistema de Gestão de Resíduos, tendo os municípios tomado a decisão de restringir às operações de tratamento e destino final dos resíduos, deixando de ter responsabilidade pela recolha selectiva e pela sensibilização na sua área de intervenção. As recolhas selectivas efectuadas pelos municípios incidem sobre os seguintes produtos: papel/cartão, plásticos e metais, vidro e resíduos orgânicos. Embora tenha vindo a aumentar a separação correcta por parte da população, Domingos Saraiva salienta a quantidade de resíduos que vêm contaminados. Ou seja, aquando da separação manual já na Estação de Triagem, muitos dos materiais que serviriam para serem reutilizados, chegam contaminados pelos produtos orgânicos: «O que contamina é o orgânico. Por isso mesmo, há países onde a logística da reciclagem



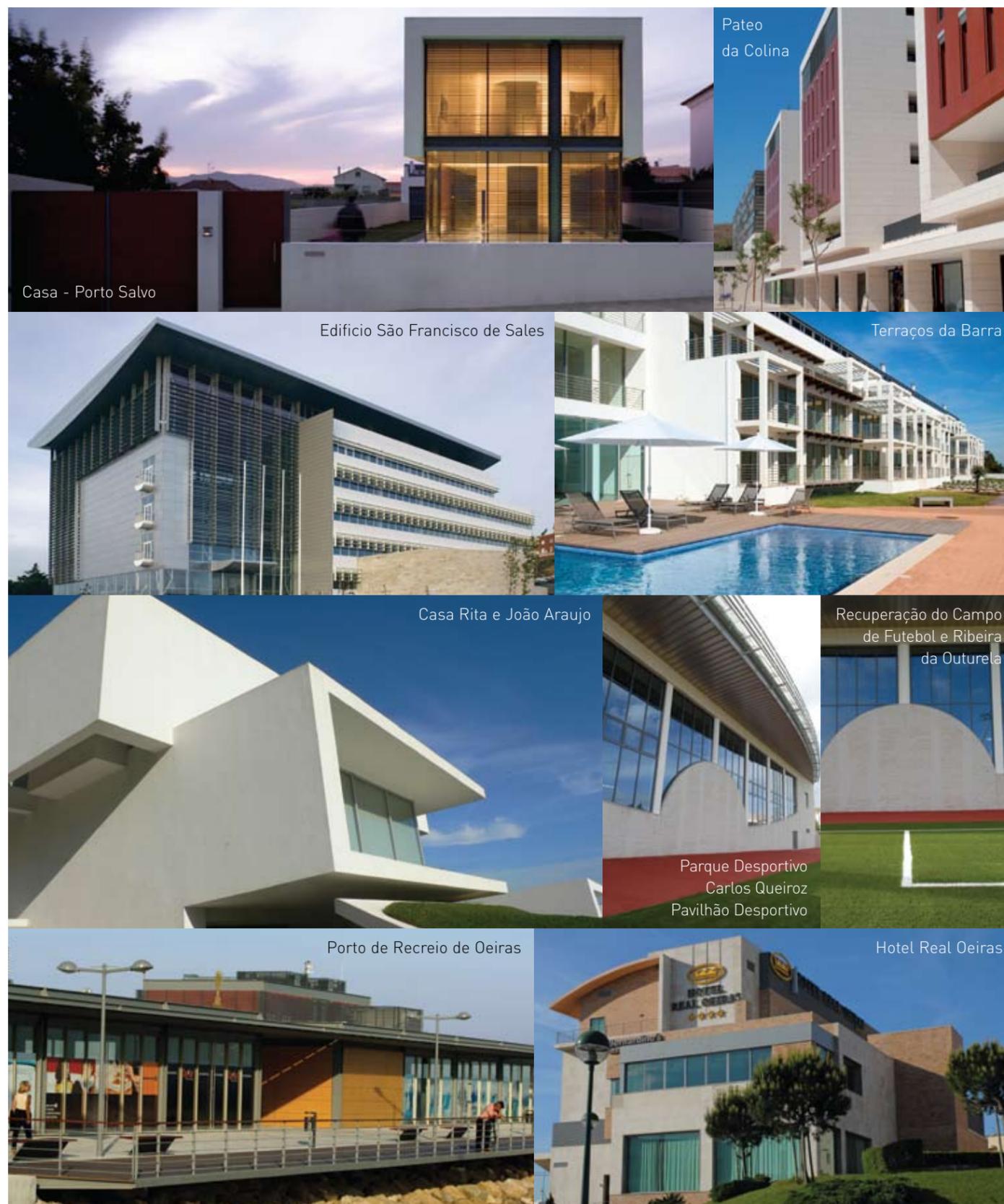
é mais simples, apenas se separa o orgânico do restante material. Aqui nós começamos com a separação de vidro e papel, depois passamos para vidro, papel e embalagem e actualmente a logística da separação tornou-se um tanto ou quanto extensa. Quantos de nós pode ter uma cozinha com 4 tipos de separadores? No entanto, se separássemos o orgânico do restante, era mais fácil aproveitar todo o restante material deitado fora, porque o vidro não contamina o papel, nem o papel a embalagem e assim sucessivamente». Após a chegada das recolhas a Tratolixo tenta reutilizar o material e fazer a sua triagem, separação e valorização: «tudo pode ser reutilizado». Aqui podemos encher o peito de orgulho, porque estamos na vanguarda da valorização de resíduos. Se por um lado, relativamente à separação do lixo

em nossas casas ainda o fazemos escassamente, e às vezes fazemo-lo mal, por outro, há uma equipa que tenta, com sucesso, dar ao que deitamos fora, nova vida, nova utilização. Por exemplo, em 2005 a Tratolixo iniciou a produção de plásticos mistos, de acordo com as especificações técnicas da Sociedade Ponto Verde (SPV), tendo como objectivo a sua valorização em detrimento da deposição este tipo de resíduos em aterro. De acordo com as especificações da SPV, os plásticos mistos incluem diversos tipos de embalagens de plástico de uso comum, usualmente material residual da triagem dos materiais com as especificações próprias. Em 2006 foi enviada para reciclagem a primeira carga experimental, os resultados foram tão categóricos que a SPV propôs-se a trabalhar com a Tratolixo como unidade piloto para a produção



de fardos de plásticos mistos para retoma. Em 2007, a Tratolixo produziu e enviou para retoma 408 toneladas deste produto. Este é apenas um exemplo entre outros que poderíamos salientar: «somos o paradigma em termos europeus, na transformação de produtos. Embora seja um sector recente, temos tido uma rápida evolução». Embora a Tratolixo trate do que deitamos fora, ela tem a capacidade de fazer magia, reutilizando uma e outra vez, produtos que de outra forma contaminariam o planeta. E mesmo que não estejamos na situação ideal, a verdade é que, como diz Domingos Saraiva: «Estamos num processo evolutivo. Abandonamos os aterros e estamos a investir nas soluções técnicas, mais avançadas. É por aí o caminho».

A inovação e a tecnologia surgiram como factor integrante da cultura empresarial da Tratolixo, factor a que não será alheio a presidência de Domingos Saraiva, um homem com um percurso bastante sedimentado nesta área. De uma coisa posso garantir, uma qualquer ida à Tratolixo muda a nossa forma de ver o lixo, de o utilizar. Mesmo no acto de o deitar fora, devemos ser inteligentes e fazê-lo de forma correcta. Depois, podemos descansar que no percurso final, há quem o reutilize, dando-lhe nova vida. A isto, chama-se criar sustentabilidade, um conceito tão em voga, mas que às vezes, nas nossas casas, pouco fazemos por o disseminar. Esta é uma empresa que pensa por nós! ♥



Prémio Municipal de Arquitectura “ CONDE DE OEIRAS ”

«A função primordial da casa é albergar o sonho»

Gaston Bachelard

Texto de Carla Rocha

A casa é mais do que (apenas) o sítio onde vivemos; o escritório, pode ser mais do que o espaço onde trabalhamos; uma creche é, seguramente, mais do que o lugar onde nos desenvolvemos; a beleza arquitectónica do espaço onde nos movemos poderá ter implicações no dia-a-dia enquanto sedimentação do bem-estar. Desta feita, a promoção da qualidade de edificações que, pelo seu valor arquitectónico, contribuam significativamente para a qualificação e ou salvaguarda do património concelhio, é o intuito do Prémio Municipal de Arquitectura «Conde de Oeiras» promovido pela câmara municipal de Oeiras. Este prémio, que vai na 5ª edição, foi instituído pela autarquia em 1991. Através do sucesso alcançado na 1ª edição foi fácil antever quão importante seria a realização de outras edições.

Este prémio estabelece uma relação simbólica com uma personagem que deu grande sentido ao nome e vida deste

Concelho e que, pela sua acção voluntariosa, marcou uma época: Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras. Inicialmente vocacionado para a intervenção de recuperação arquitectónica, viu o seu âmbito ser progressivamente alargado, abrangendo um vasto campo de obras que, desta forma, aprofundam as raízes da sua relação com a realidade múltipla deste Concelho.

O prémio contempla edifícios, situados no concelho, em duas secções distintas: edifícios novos e edifícios recuperados. Ao primeiro classificado, de cada secção, será atribuído um prémio constituído por um valor pecuniário de € 10.000 (dez mil euros), a dividir em partes iguais entre o dono da obra e o (s) arquitecto (s) autor (es).

Vamos dar a conhecer as obras a concurso, ficando a promessa de seguida, descortinarmos o que está por detrás de cada vencedor.

| A NOSSA CAPA |



Lagoas Park Hotel

Moradia Unifamiliar Paço de Arcos

Edifício Ramazzotti

Instalação integrada e escritórios

Casa Prof Domingos

Colégio Tagus Park

Edifício Espaço D'Arcos

Habitação Unifamiliar no Centro Histórico de Oeiras

Obras a concurso:

Candidatura Nº 1

Imóvel: Porto de Recreio de Oeiras
Localização: Porto de Recreio de Oeiras
Autor: Miguel Saraiva e Associados –
Arquitectura e Urbanismo, Lda
Promotor: Câmara Municipal de Oeiras /
Oeiras Viva

Candidatura Nº 2

Imóvel: Lagoas Park Hotel
Localização: Lagoas Park, Porto Salvo
Autor: Arquitrave, Arquitectos Associados, Lda
Promotor: Teixeira Duarte, GPII, SA

Candidatura Nº 3

Imóvel: Habitação Unifamiliar no Centro
Histórico de Oeiras
Localização: Rua Dr. Neves Elyseu, 21, Oeiras
Autor: Arq.º Carlos Manuel Ruivo
Promotor: Pedro Ruivo e Andreia Costa

Candidatura Nº 4

Imóvel: Casa DT
Localização: Rua Manuel Beça Murias, 18,
Porto salvo
Autor: Jorge Graça Costa
Promotor: Duarte Cabete

Candidatura Nº 5

Imóvel: Hotel Real Oeiras
Localização: Rua Álvaro R. Azevedo, 5,
Paço de Arcos
Autor: António Almeida Campos
Promotor: Sociedade de Empreendimentos
Turísticos Bernardino Gomes

Candidatura Nº 6

Imóvel: Palácio Anjos
Localização: Alameda Hermano Patrone,
Algés
Autor: Entreplanos – Gab. de Arquitectura,
Urbanismo e Design, Lda
Promotor: Câmara Municipal de Oeiras

Candidatura Nº 7

Imóvel: Instalação Integrada de Escritórios
Localização: Av. 25 de Abril de 1974, 15,
Linda-a-Velha
Autor: Atelier Central Arquitectos, Lda
Promotor: Entrepasto, Gestão Imobiliária, SA

Candidatura Nº 8

Imóvel: Colégio Tagus Park
Localização: Rua Dr. Mário Soares
Autor: Axonométrica, Arquitectura, Lda
Promotor: Ciência Activa SA

Candidatura Nº 9

Imóvel: Pateo da Colina – Lote 2
Localização: Praceta Prof. Alfredo de Sousa,
Algés
Autor: Axonométrica, Arquitectura, Lda
Promotor: Montargila, Imobiliária e Gestão SA

Candidatura Nº 10

Imóvel: Páteo da Colina – Lotes de Habitação
Localização: Praceta Prof. Alfredo de Sousa,
Algés
Autor: Axonométrica, Arquitectura, Lda
Promotor: Montargila, Imobiliária e Gestão SA

Candidatura Nº 11

Imóvel: Edifício Ramazzotti
Localização: Av do Forte, 6, Carnaxide
Autor: Axonométrica, Arquitectura, Lda
Promotor: Ramazzotti Imobiliária SA

Candidatura Nº 12

Imóvel: Casa Rita e João Araújo
Localização: Av. Salvador Allende, Quinta de
São Miguel dos Arcos, Lote 12
Autor: Moa.a, Arquitectos, Lda
Promotor: Rita Torres Araújo

Candidatura Nº 13

Imóvel: Casa Professor Domingos
Localização: Rua Eiraldas Nº 20, Caxias
Autor: Moa.a, Arquitectos, Lda
Promotor: Professor Domingos Henrique

Candidatura Nº 14

Imóvel: Edifício Espaço d`Arcos
Localização: Rua Calvet de Magalhães, 244,
Paço de Arcos
Autor: Nuno Leónidas
Promotor: Banif Gestão de Activos

Candidatura Nº 15

Imóvel: Edifício São Francisco de Sales
Localização: Rua Calvet de Magalhães, 244,
Paço de Arcos
Autor: Nuno Leónidas
Promotor: BBVA Leasimo, SA

Candidatura Nº 16

Imóvel: Recuperação do Campo de Futebol
e Ribeira da Outurela
Localização: Outurela
Autor: Jesus Noivo, Arquitectura
e Planeamento, Lda
Promotor: Câmara Municipal de Oeiras

Candidatura Nº 17

Imóvel: Parque Desportivo Carlos Queiroz –
Pavilhão Desportivo
Localização: Outurela
Autor: Jesus Noivo, Arquitectura
e Planeamento, Lda
Promotor: Câmara Municipal de Oeiras

Candidatura Nº 18

Imóvel: Moradia Unifamiliar
em Paço de Arcos
Localização: Terra da Eira Lote 7 Terrugem,
Paço de Arcos
Autor: Paulo Miguel Fernandes
Promotor: Paulo Batista Fernandes

Candidatura Nº 19

Imóvel: Terraços da Barra
Localização: Dafundo
Autor: Axonométrica, Lda /
Arq. Paulo Fernandes
Promotor: Periurbe, SA



Edifícios recuperados

Candidatura Nº 6 Palácio Anjos, em Algés

«Por unanimidade foi decidido atribuir o 1º prémio à candidatura Nº6, por ser entender que a intervenção, algo intensiva em alguns elementos estruturais do imóvel, designa-

damente o interior, teve porém a virtude de conseguir uma eficaz adaptação ao novo programa funcional, bem como uma muito positiva articulação com a ampliação e o próprio espaço verde exterior. Também em relação ao corpo novo é de realçar a sua imagem depurada e a sua interessante composição de volumétrica.» Texto retirado da acta de deliberação do júri.

Intervenções de raiz

Candidatura Nº 8 Colégio Tagus Parrk

Autor – Axonométrica Arquitectura Lda.
Promotor – Ciência Activa SA

«Esta opção deve-se à conjugação de diversos factores, dos quais se destaca a boa integração na encosta, em termos topográficos e ambientais, bem como uma interessante adequação da imagem exterior e interior ao programa.» Texto retirado da acta de deliberação do júri.





CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL CRISTO-REI DE ALGÉS

lado-a-lado com a população

texto de Carla Rocha

O Centro Social e Paroquial da Paróquia de Cristo – Rei de Algés funciona nos fundos de um prédio, num edifício modesto. Quando percebemos as actividades deste Centro e aquelas que pretendem realizar, percebemos que o trabalho é diametralmente oposto às instalações, ou seja, grandioso.

Atentos a uma população cada vez mais idosa, o Centro adequa as suas preocupações e vontades na realização e colmatação de algumas deficiências que a própria sociedade vai criando. Estou certa que esta é uma paróquia a ter em conta e a servir de exemplo, mesmo por todos os que não são Cristãos, porque como Rui Sobral, Técnico de Política Social, afirmou: 'Queremos ajudar toda a sociedade, independentemente das suas crenças'. Ciente das dificuldades com que a população se debate diariamente, o Centro procurou colmatá-las criando respostas. Daí até ao aparecimento do projecto Lado-a-Lado, Clube Sénior e Raízes, foi um pulo. Mas um pulo consistente, pensado e de grande ajuda para a população em geral, e para os mais necessitados em particular. Mas vamos por partes.

Primeiro, a história

O Centro Social e Paroquial da Paróquia de Cristo-Rei de Algés foi criado em 1985. Como Instituição Particular de Solidariedade Social possuía varias valências de apoio à população da freguesia de Algés, nomeadamente um Centro de Convívio, um Jardim-de-infância, Creche, actividades de Tempos Livres e uma Unidade de Inserção na Vida Activa (UNIVA). Grande parte destas valências surgiram com o intuito de prestar apoio à população residente na Pedreira dos Húngaros, bairro degradado de barracas, situado em Algés de Cima. Com o realojamento da população do Bairro de Barracas para o Bairro Moinho das Rolas em Porto Salvo, as valências que lhe davam suporte foram de igual forma transferidas neste caso para o Centro Comunitário Nossa Senhora das Dores, em Porto Salvo, exceptuando o Centro de Convívio. Assim, a partir de 2007, o Centro Social e Paroquial da Paróquia Cristo-Rei de Algés reduziu o seu apoio social a um Centro de Convívio, um serviço de Fisioterapia, um gabinete de Apoio às famílias e um Gabinete de apoio Social em conjunto com a Sociedade Feminina de São Vicente de Paulo – Nossa Senhora das Graças e o Banco Alimentar. A partir de Dezembro deste ano, o Centro Social e Paroquial de Algés terá um novo pólo, ou seja, o pólo de Miraflores.

O presente

O Programa Raízes

Mediante um diagnóstico social realizado por uma Equipa da Paróquia, foi possível apurar que existiam na Comunidade Paroquial algumas pessoas maioritariamente idosas que, por via da sua condição de saúde, não tinham capacidades de sair de casa autonomamente, o que, associado à falta de apoio da rede familiar ou de vizinhança, se viam perante uma situação de isolamento social e de solidão. Beneficiando de uma intenção de alguns paroquianos, que manifestaram a disponibilidade e o desejo de poder dar o seu contributo em prol de uma população mais desfavorecida, a Paróquia de Cristo-Rei de Algés criou o Programa “Raízes”. O desenvolvimento deste Programa incidiu na constituição de um grupo de 10 voluntários, disponíveis para realizar ac-

ções junto dos indivíduos, famílias e grupos da comunidade, que revelassem problemas de integração social e isolamento, decorrentes da condição de saúde ou da falta de pessoas que pudessem prestar apoio. O Programa “Raízes” constitui uma iniciativa que procura promover acções de interesse social e comunitário, preconizando uma intervenção que privilegia o voluntariado e o espírito de solidariedade para com os mais necessitados.

As acções dos voluntários compreendem visitas à população identificada e prestação de companhia e/ ou acompanhamento em actividades do quotidiano, nomeadamente: No domicílio do beneficiário, com actividades de apoio directo, nomeadamente ajuda nas deslocações no domicílio, na escrita de cartas, no preenchimento de documentos. Actividades sócio – recreativas, tais como conversação, leituras, jogos, entre outras; No exterior, actividades de acompanhamento – Ao centro de dia, centro de convívio, médico, centro de saúde, hospital, farmácia, instalações bancárias, serviços religiosos, jardim, museu, cinema, teatro, compras domésticas, deslocações a casa de familiares ou amigos. Diligência externas tais como a garantia de tarefas que os beneficiários não podem cumprir (ida à farmácia, aos CTT, às Finanças,...). Este programa vai de encontro a dois tipos de pessoas: os que desejam ajudar os outros, sentindo-se plenos no voluntariado, e os que necessitam de ajuda, sendo desta feita beneficiados sem custos. Um programa de raízes profundas.

O programa

Lado a Lado – a família primeiro

Este será, porventura, o projecto de maior dimensão, quer para quem o produziu como para quem dele beneficia. Tem uma dimensão extensível e transversal a toda a população. A ideia original surgiu associada à necessidade de alargar o âmbito de acção do Centro Paroquial e Social de Cristo-Rei de Algés através de um serviço de apoio domiciliário integrado. No entanto, verificou-se que quer na freguesia citadina de Algés, quer nas zonas limítrofes, existiam outras necessidades sociais que não encontravam resposta em nenhuma



instituição. Assim, consolidou-se a ideia de alargar o apoio domiciliário a toda a família, pois no contexto actual, em que cada vez mais as famílias são nucleares e as bases de redes sociais escassas, existe uma série de cuidados e serviços que muito dificilmente conseguem ser assegurados no seio da própria família. Considerou-se também importante encontrar uma forma que permitisse o auto-financiamento do Centro Social. Assim, foi ganhando força a ideia de oferecer um serviço de apoio integrado às famílias a preços competitivos, tendo como público-alvo principal as famílias de classe média, que ao pagarem o serviço escolhido, estão também a permitir que a lado-a-lado apoie outras famílias

(devidamente caracterizadas) que não consigam assegurar os mesmos valores, criando desta forma a sustentabilidade do projecto. Desta feita, a lado-a-lado, é uma Empresa da Economia Solidária, que oferece um serviço alargado de Apoio à Família, através de múltiplas respostas, todas elas relacionadas com as famílias e as diferentes fases de vida. É uma empresa Solidária porque é assumida uma gestão estratégica empresarial, de modo a garantir a sustentabilidade do Centro Social e Paroquial sem dependências financeiras externas. Porque promove o acesso e integração no mercado de trabalho de mulheres com mais de 40 anos, desempregadas de longa duração ou beneficiárias de Rendimento Social

de Inserção. Porque gera o Lucro Solidário, um lucro que é investido na íntegra no apoio a famílias mais desfavorecidas devidamente identificadas.

A lado-a-lado apresenta como missão oferecer um Serviço Integrado de Apoio à Família, com a máxima qualidade, eficiência e eficácia, por profissionais e equipas multidisciplinares de confiança, que resulte na satisfação total das necessidades específicas de cada família, contribuindo para uma melhor qualidade de vida e bem-estar das mesmas. Os objectivos estratégicos passam por oferecer um serviço de qualidade e ajustado às novas necessidades das famílias, particularmente no que respeita ao cuidado de idosos e crianças e ao apoio ao casal, a um preço justo, face ao poder de compra de cada família. Bem como promover a conciliação da vida pessoal, familiar e profissional das famílias residentes no concelho de Oeiras; Contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e crianças em situação de dependência, permitindo que estas se mantenham no seu ambiente familiar; Garantir um serviço de qualidade, quer a pessoas com recursos financeiros, quer a pessoas excluídas socialmente e carenciadas; Promover a responsabilidade social da população de Oeiras, incentivando o desenvolvimento comunitário e a entre-ajuda; Contribuir para a formação e inserção profissional de desempregados com dificuldades de integração através do desenvolvimento de uma actividade produtiva em contexto real.

Os serviços oferecidos por este programa Lado-a-Lado são tão diversos como importantes, cada um na sua área de intervenção. Este projecto oferece os seguintes serviços:

- Baby

Cada vez é mais difícil compatibilizar os horários escolares com os horários profissionais e ainda manter uma vida social equilibrada. A fim de facilitar a vida familiar a lado-a-lado dispõe de um serviço que ajuda as famílias no cuidado com os seus filhos, mantendo a sua rotina diária no espaço que lhes é familiar, ou seja, a sua casa.

A lado-a-lado dispõe das soluções mais diversas. Alguns serviços do Babysitting:

- Serviços de alimentação (a ser fornecida pelo cliente);
- Acompanhamento nos trabalhos escolares;

- Mudança de fraldas;
- Brincadeiras com as crianças;
- Muito Amor e Carinho;
- Leitura de histórias;
- Administração de medicamentos;
- Informação periódica para o seu telemóvel para o manter a par;
- Confeção de refeições para as crianças (ingredientes a serem fornecidos pelo cliente);
- Outras situações que se insiram no âmbito do Apoio às crianças:

- Seniorsitting

Este Apoio Domiciliário Integrado a Idosos, 24 horas por dia, 365 dias por ano engloba os seguintes serviços:

- Apoio às actividades da vida diária, tais como cuidados de higiene e conforto, confeção e acompanhamento de refeições, limpeza e arrumação do lar, entre outras;
- Cuidados de saúde, tais como a fisioterapia e acompanhamento psicológico;
- Venda e aluguer de produtos e serviços, tais como material anti-escaras, cadeiras de rodas, canadianas e camas articuladas, produtos de higiene especializados e aparelhos de controlo dos níveis de glicemia e de pressão arterial,

- Família

Neste âmbito, o projecto lado-a-lado pretende-se oferecer uma resposta integrada e confidencial às necessidades e problemas das famílias actuais. Uma equipa multifacetada está preparada para responder a vários níveis, tais como:

- [Apoio Psicológico](#) – prestado por psicólogos de modo a promover o bem-estar psicológico de todas as pessoas que recorram a este serviço;
- [Apoio Jurídico](#) – prestado por advogados;
- [Apoio Social](#) – prestado por assistentes sociais;
- [Aconselhamento Familiar](#) – prestado por conselheiros matrimoniais;
- [Planeamento Familiar](#) – prestado por enfermeiros e especialistas na área;
- [Gestão da Economia Doméstica](#) – prestado por advogados e juristas;





De forma a cimentar e completar a intervenção do programa, pretende-se alarga-lo para as seguintes valências:

- Formação para a família sobre diversas temáticas relacionadas com as diferentes fases da vida de uma família, englobando temas como “*Vamos ser pais*”, “*A doença de Alzheimer: cuidados que a família deve ter*”, etc. Os workshops serão ministradas por formadores especializados nas temáticas.
- Férias em família, A lado-a-lado propõe férias em ambientes tranquilos, com uma alargada gama de oferta tendo em conta a realidade das famílias e os seus diferentes membros. As férias poderão incluir programas diversificados e propostas de actividades para toda a família e alguns direccionados para os mais pequenos.
- Fisioterapia no Domicílio. A Fisioterapia aplica modalidades terapêuticas para prevenir, curar ou recuperar as pessoas afectadas por distúrbios de movimento e postura, decorrentes de alterações de órgãos e sistemas humanos. A fim de facilitar a recuperação das pessoas com mobilidade condicionada a lado-a-lado dispõe de um serviço de fisioterapia no domicílio. O serviço pretende promover uma rápida recuperação no conforto da sua casa, evitando deslocações e esperas, com um horário estabelecido em conjunto e com um atenção personalizada. Este serviço dirige-se a todas as faixas etárias, das crianças aos mais idosos, em diversas áreas: Ortopedia – fracturas, tendinites, lesões musculares; Reumatologia – artroses, artrites; Neurologia – AVC, Parkinson, esclerose múltipla
- Fisioterapia Respiratória Infantil. Diversas são as causas responsáveis pela acumulação de secreções. A fisioterapia respiratória visa a libertação dessas secreções e a promoção da função respiratória normal de uma forma eficaz. Este serviço poderá ser promovido na casa da família ou na creche.

O Futuro

O Clube Sénior

Este projecto ainda não está em funcionamento, faltando apenas o espaço físico onde vai ter lugar, ou seja o Pólo de Miraflores. Este novo Pólo estará dotado de todas as acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzidas ou deficientes, e possui espaços multifuncionais adequados para várias actividades. Também serão instalados alguns dos serviços do Centro já em funcionamento, mas que verão a sua acção potenciada nas novas instalações. E é aqui que funcionará o Clube Sénior bem como quatro espaços associados. Este Clube constituirá uma extensão do actual Centro de Convívio mas será ajustado à população residente em Miraflores. Assim, o Clube Sénior pretende constituir-se como um local privilegiado de convívio entre idosos, onde poderão ser potenciadas as suas capacidades e sapiência. Pretende oferecer-se a esta população um espaço agradável onde possam conviver e partilhar saberes; aumentar os conhecimentos aprendendo novas actividades e técnicas, através da realização de workshops (pintura, fotografia, escrita criativa, cerâmica, dança, música, informática), em parceria com associações da comunidade.

Desta feita, o Centro Social e Paroquial Cristo-Rei de Algés, com os seus programas dirigidos à população, torna-se num parceiro fundamental para que se viva condignamente, e transforma-se no par perfeito na ajuda da busca incessante da felicidade. ❤️

Contactos:

Centro Social e Paroquial de Algés
R. João Chagas, 4A | 1495-069 Algés
Tel: 21 411 67 69 | Tm: 967 627 615 | Fax: 21 411 26 24
www.ladoalado.org
centro.paroquial.alges@netnovis.pt

Oeiras Parque O MUNDO NO CENTRO COMERCIAL

texto de Sónia Correia
fotos de Carmo Montanha

A celebrar dez anos de vida, o Oeiras Parque reforça a sua posição enquanto centro comercial onde muito mais acontece, para lá das compras. As actividades de animação são uma constante ao longo de todo o ano e os projectos solidários ganham destaque para uma empresa que quer também assumir-se como socialmente responsável.

De portas abertas desde Abril de 1998, o Oeiras Parque 'nasceu' tendo por base um projecto lançado pelo grupo Carrefour. Só mais tarde o espaço foi adquirido pela Mundicenter, a empresa que hoje gere o centro comercial com 180 lojas e onde trabalham cerca de 1500 pessoas.

Ligada ao projecto desde o início, Ana Albuquerque Pestana, directora de marketing do centro, conhece bem a história e a vida do Oeiras Parque.

"Ao longo destes dez anos, temos tido uma constante actualização do mix de lojas. Muito raramente temos uma loja fechada. As lojas renovam-se, porque determinados conceitos deixam de fazer sentido. Existem lojas cujo tempo de vida útil

chega ao fim, simplesmente. Antes que entrem na fase de maturidade ou de declínio, o que fazemos é procurar, no mercado, novas insígnias, de forma a continuar a atrair clientes ao centro comercial".

O processo depende, sobretudo, das regras ditadas pela moda: "tudo gira à volta da moda. Quando uma loja deixa de funcionar, ou passa a funcionar menos bem, num espaço como este, onde existem objectivos a atingir em termos de vendas, é inevitável que tenha que se avançar para outra solução. O mercado é muito dinâmico. E os clientes muito exigentes. Não nos podemos limitar a acompanhar as tendências. Preferencialmente, devemos antecipar tendências", explica Ana Pestana.



A esse nível, o Oeiras Parque tem funcionado, ao longo dos anos, como incubadora de novos conceitos. Aconteceu com a 'Loja das Sopas': a primeira abriu em Oeiras, seguiram-se-lhe sete novas lojas, no espaço de cinco anos, até que, nove anos volvidos, o conceito foi vendido a um grupo espanhol, por dez milhões de euros.

Trata-se, na opinião de Ana Pestana, de "um exemplo de sucesso de uma loja para a qual o Oeiras Parque funcionou como rampa de lançamento".

Mais recentemente, a 'Go Natural' – uma loja de refeições rápidas saudáveis – também se estreou no Oeiras Parque. Depois disso, expandiu-se, estando, hoje, presente em quase todos os centros comerciais do País.

O facto de lojas inspiradas em conceitos inovadores escolherem o centro comercial de Oeiras para se darem a conhecer ao público tem, para Ana Pestana, uma explicação simples: "gostamos de desafios e acreditamos nos projectos. Naturalmente que os 30 mil visitantes diários ajudam a que o sucesso dos projectos seja uma realidade".

Mas não só. O concelho de Oeiras, graças aos seus índices de elevado poder de compra, exerce atracção sobre os empresários.

Soma-se, a isso, a envolvente do centro comercial. "Estamos bem rodeados: o Parque dos Poetas, a vista de mar, pólos habitacionais muito recentes e de grande qualidade, e

"gostamos de desafios e acreditamos nos projectos. Naturalmente que os 30 mil visitantes diários ajudam a que o sucesso dos projectos seja uma realidade"

pólos tecnológicos, como a Quinta da Fonte, o Lagoas Park, o TagusPark, a zona da Grundfos, a Edimpresa. São muitos escritórios, empresas nacionais e multinacionais, muitas pessoas que procuram o Oeiras Parque para almoçar, lanchar, jantar, ir ao cinema, fazer compras. Por uma questão de proximidade, pela oferta que disponibilizamos, pelo facto de o estacionamento ser gratuito, coberto, de fácil acessibilidade. As condições estão todas reunidas", assegura Ana Pestana.

Natal solidário

Desde o dia da abertura, o Oeiras Parque procurou levar – se não o Mundo – pelo menos um pouco mais do concelho para dentro do centro comercial.

Uma exposição sobre espaços verdes cujo objectivo era dar a conhecer os projectos da Câmara Municipal nessa área foi um dos primeiros desafios.

"Trouxemos um jardim para dentro do Oeiras Parque! Uma oliveira centenária, bancos de jardim, tudo! Foi muito engraçado", lembra Ana Pestana.

Estava dado o tiro de partida. "Depois dessa iniciativa, que correu muitíssimo bem, procurámos, em articulação com a Câmara, organizar outras que aguçassem a curiosidade dos clientes relativamente aos museus, aos parques, enfim, a todas as infra-estruturas do concelho".

Mas o Oeiras Parque não se limitou a levar o concelho para dentro da galeria comercial. Atreveu-se a sair. "O quinto aniversário do centro comercial, por exemplo, foi celebrado com uma festa pombalina, nos Jardins do Palácio Marquês de Pombal, em Oeiras".

Os jovens constituem um dos públicos preferenciais para as iniciativas promovidas pela direcção do Oeiras Parque. A lista de eventos vocacionados para a juventude é longa e inclui jornadas fotográficas, torneios de xadrez, gincanas, jornadas da ciência, workshops de profissões e, mais recentemente, a criação de um Net Point, possibilitando o acesso gratuito à Internet, diariamente, entre as 10.00h. e as 24.00h.

Em parceria com a Tetrapak – empresa sediada no concelho de Oeiras – o Oeiras Parque levou a cabo uma exposição ludo-pedagógica dirigida às crianças que actualmente percorre os centros comerciais da Mundicenter no resto do País.

As iniciativas promovidas pelo Oeiras Parque ao longo dos últimos dez anos são muitas e abrangem áreas tão diversas quanto o ambiente, a energia, o desporto ou a saúde. Mas a mais emblemática continua a ser a campanha de recolha de presentes, promovida todos os Natais. "É uma iniciativa da qual eu me orgulho bastante", refere Ana Pestana.





Tudo começou precisamente no primeiro ano de funcionamento do centro comercial, com uma campanha de sensibilização dirigida a clientes e lojistas, procurando inculcar em todos a ideia de que está nas mãos de cada um proporcionar um Natal mais feliz a crianças carenciadas.

“Apesar de ser um concelho com grande poder de compra, em Oeiras também existem outras realidades e muitas crianças para as quais esta pode ser a única prenda de Natal que vão receber”.

Depois de um primeiro ano em que a adesão superou todas as expectativas, no segundo ano de campanha desenvolveu-se uma logística diferente, através do estabelecimento de uma parceria com a Câmara Municipal. Os presentes passaram a ser recolhidos diariamente e armazenados para posterior selecção. “De ano para ano temos vindo a reforçar a comunicação, no sentido de levar as pessoas a oferecer

prendas novas ou em bom estado de conservação. Prendas que gostassem de receber”.

O sucesso da campanha é tal que só no ano passado o Oeiras Parque recolheu 25 mil presentes. E a ideia já foi alargada aos restantes centros comerciais geridos pela Mundicenter em todo o País.

Complementarmente, pela primeira vez no ano passado, o Oeiras Parque lançou, a 500 crianças dos concelhos de Oeiras, Cascais e Sintra, o desafio de decorar, no centro comercial, 15 árvores de Natal, com materiais recicláveis. O resultado: “trabalhos muito interessantes. Foi difícil escolher. No lugar de uma vencedora, acabámos por escolher três árvores, com decorações muito originais”.

O Natal já domina, como não poderia deixar de ser, as atenções de Ana Pestana. A época é dada ao consumismo, mas também a iniciativas solidárias.



Para este ano, o programa de animações prevê, para além da tradicional presença do Pai Natal, uma exposição sobre o universo do circo, incluindo actuações de diversas companhias e a oferta de narizes de palhaço aos clientes, numa acção que visa divulgar o trabalho desenvolvido pela Associação Nariz Vermelho.

Tendo em conta que durante os meses de Novembro e Dezembro o número de visitantes diários do centro comercial praticamente duplica, prevê-se que a acção de sensibilização produza resultados positivos. À semelhança do que tem acontecido com as restantes campanhas de cariz solidário que fazem com que o Oeiras Parque se assuma como uma empresa socialmente responsável. E que se orgulha de poder acrescentar algo na vida das pessoas. Sejam elas, ou não, clientes do centro comercial. ♥

“Depois dessa iniciativa, que correu muitíssimo bem, procurámos, em articulação com a Câmara, organizar outras que aguçassem a curiosidade dos clientes relativamente aos museus, aos parques, enfim, a todas as infra-estruturas do concelho”

A portrait of Artur Torres Pereira, a middle-aged man with a grey beard and mustache, wearing a dark grey suit, a light blue striped shirt, and a maroon tie. He is standing outdoors in front of a yellow wall with a window and a tree trunk. The text is overlaid on the left side of the image.

Artur Torres Pereira:
A POLÍTICA AINDA ME ATRAI

texto de Carlos Vaz Marques
fotos de Carlos Santos

No princípio era a Medicina. Um jovem médico, depois de concluído o curso na Universidade de Lisboa, é deslocado para um concelho do interior alentejano, onde acabará por se interessar por algo mais do que sintomas dos doentes que o procuram no centro de saúde. Em plena agitação pós-revolucionária entusiasma-se com a política da terra e acaba por concorrer à Câmara Municipal do concelho para onde tinha sido deslocado em “serviço médico à periferia”. Torna-se presidente por uma escassa diferença de votos. Três anos depois voltará a ser o candidato mais votado, já com uma vantagem clara. Durante dezasseis anos, o lisboeta Artur Torres Pereira preside assim aos destinos de Sousel, no distrito de Portalegre. Depois disso, esteve na direcção do PSD, foi o primeiro presidente da Associação Nacional de Municípios, seria deputado à Assembleia da República. Hoje, aos 58 anos, Artur Torres Pereira tem a actividade política entre parêntesis. É, desde 2002, presidente da Direcção da entidade que gere a Universidade Atlântica. A instituição – com sede na Fábrica da Pólvora de Barcarena – já passou por momentos difíceis mas, garante o seu principal responsável, é hoje uma instituição sólida. Apesar do evidente entusiasmo com que se dedica à causa que actualmente o move – o ensino superior – Torres Pereira não exclui o regresso, um dia destes, à política activa.



Alguém dizia que na política entra quem quer e sai quem pode. Não posso deixar de dizer que a política ainda me atrai. Continuo a ser um português particularmente atento à política do meu país.

Tem saudades da política?

Alguém dizia que na política entra quem quer e sai quem pode. Não posso deixar de dizer que a política ainda me atrai. Continuo a ser um português particularmente atento à política do meu país.

Ainda tem o chamado bichinho da política, portanto.

Ainda tenho o chamado bichinho da política. Ainda hoje mantenho uma intervenção política a nível do concelho de Sousel, no qual fui presidente de Câmara durante dezasseis anos.

O cargo que tem agora, de presidente da Assembleia Municipal de Sousel, é apenas simbólico ou é mais do que isso?

Foi um apelo que me fizeram, dez anos depois de ter deixado a Câmara. Entendi – passado o tempo indispensável depois de ter cessado funções executivas – que era interessante dar o meu apoio aos mais novos.

A actividade política vicia?

Eu faço parte de uma geração que fez política em Portugal num período muito particular: o período revolucionário e pós-revolucionário. Fui apanhado nessa onda da geração que construiu a democracia em Portugal. Sinto, com orgulho, que dei o meu contributo, à minha medida. Envolvi-me na altura em que tinha vinte e cinco, trinta anos. Numa altura em que havia gente já com quarenta, cinquenta e sessenta que também abdicou de parte da sua vida para este objectivo. Gente que, tendo-se envolvido daquela maneira, só quando morrer é que deixa de se envolver.

É o seu caso?

Provavelmente é o meu caso.

A realidade, vista a partir de uma instituição universitária, é diferente da percepção que se tem dela nos meandros da política?

É diferente pela óptica mas não é diferente na substância.

O que lhe pergunto é se a percepção da realidade se altera.

Admito que sim. Todavia, tive o privilégio de ter tido pontos de observação distintos. Por isso, não faço deste, hoje, um compartimento estanque. A medicina deu-me a noção da importância de uma palavra, por vezes, ou de um pequeno gesto, na pessoa que temos à frente. A Câmara deu-me a experiência de fazer aquilo que é necessário ser feito, pondo um pouco de lado a perspectiva ideológica em prol de uma perspectiva concreta. Já a Assembleia da República é pura ideologia.

A percepção pública é mais a de que é simples ocupação do poder.

É certo. Esperemos que as coisas evoluam e que as pessoas venham a ter uma outra percepção. Eu fui, portanto, médico



entre 74 e 82, fui presidente de Câmara durante dezasseis anos, depois fui vice-presidente de um grupo parlamentar durante seis anos e finalmente deixei o sector público. Passei a ver a vida e a sociedade na óptica do sector privado, porque passei a dirigir uma universidade privada.

É essa a maior diferença: ter mudado da óptica do público para a óptica do privado?

É essa a diferença substancial da visão que me advém do facto de eu, hoje, estar aqui na universidade.

É mais difícil gerir uma universidade, um município ou um partido (visto que também já foi secretário-geral do PSD)?

É muito diferente. À medida que vamos avançando na idade, as coisas vão sendo mais fáceis se temos capacidade e se temos sensibilidade para perceber os outros.

De que modo é que essas características humanas são postas em prática à frente de uma universidade?

A Universidade é um espaço onde centenas de jovens são ajudados a ser adultos. A Universidade não é um forno

de profissionais para o mercado de trabalho. Não pode haver universidades sem investigação. Não pode haver universidades apenas para transmitir saberes e conhecimentos. Sem perder de vista, evidentemente, as actividades lúdicas, a actividade associativa, a actividade política, porque não? Temos de ter um diálogo permanente com os alunos. Não pode haver compartimentos estanques. Tem de se criar um clima de saudável inquietação permanente por parte de toda a gente. Sem que isso conduza necessariamente a um Maio de 68. Mas se não houver esta inquie-





Se há função nobre do Estado é a função de regulação. Tendo em conta os interesses dos mais fracos e dos mais desprotegidos. Mesmo deixando o mercado funcionar em maior ou menor dimensão.

tação na juventude universitária onde é que ela existirá? É bom que haja, que contestem as coisas, que ponham em causa, que perguntem.

Isso depende da direcção de uma universidade?

Eu estímulo muito isso, sabe. No meu diálogo com a Associação Académica da Universidade Atlântica, estímulo muito o sentido criativo dos estudantes para estimular o sentido de responsabilidade deles.

Há praxes na Universidade Atlântica?

Há. Felizmente, nunca assumiram os aspectos absolutamente deploráveis que têm assumido nalguns sítios.

É favorável à ideia de praxe?

Sou. Porque não? A praxe é uma tradição que permite aproximar alguém, um pouco mais, de uma instituição. Se for saudável, se não assumir aspectos absolutamente degradantes – impróprios de qualquer sítio e, por maioria de razão, de uma universidade – não vejo inconveniente nenhum. A praxe é um dos exemplos em que o diálogo – estimulando a irreverência, a inquietação e a dúvida dos alunos – me permite, depois, apelar-lhes ao sentido de responsabilidade.

Qual é o maior desafio que existe na gestão de uma universidade?

Há vários. Como sabe, as universidades privadas têm um sistema diverso do das públicas. Em primeiro lugar, ao contrário das públicas não têm PIDDAC [Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central]. Dependem, portanto, das pro-

pinas dos alunos e da saúde financeira e boa vontade dos accionistas. É a essa entidade instituidora que compete a responsabilidade administrativa, financeira e, digamos, política que, nas públicas compete ao reitor, coincidindo com a autoridade académica e pedagógica. Aqui, há logo uma diferença em relação às públicas: universidade em que a entidade instituidora e o reitor se dêem mal é uma universidade que funciona mal e está condenada ao insucesso. Felizmente, na Atlântica, acontece o contrário. O meu reitor, o Professor Nelson Lourenço, é um homem com quem tenho a melhor relação. A primeira dificuldade é, portanto, a sintonia entre um reitor e uma direcção ou uma administração. O segundo constrangimento é o que decorre de um período muito negativo de implantação das universidades privadas em Portugal. Infelizmente, o poder regulador do Estado não funcionou – como não funciona hoje – e o que é facto é que houve uma série de instituições privadas que se instalaram de forma menos própria.

O que é que o leva a dizer que esse poder regulador continua a não funcionar hoje?

Se há função nobre do Estado é a função de regulação. Tendo em conta os interesses dos mais fracos e dos mais desprotegidos. Mesmo deixando o mercado funcionar em maior ou menor dimensão.

E na sua opinião não está a funcionar.

Nos últimos anos, não houve um exercício adequado do poder regulador porque, desde a adequação do ensino superior ao processo de Bolonha à forma como



a vida das universidades vai decorrendo, não se tem sentido o exercício desse poder. Acho que há uma perspectiva demasiado ideológica em relação ao sector privado, no ensino superior.

Quer dizer com isso que o Estado dificulta a vida às privadas?

Tem uma perspectiva pouco facilitadora. Por exemplo, uma universidade pública pretende lançar um novo curso. É-lhe fácil fazê-lo. Vai ao seu Senado, se o Senado o aprovar está em condições

de ser lançado no mercado. Uma universidade privada, se pretende lançar um curso, carece de autorização do Ministério da Ciência, Tecnologia e do Ensino Superior.

Dir-se-á que é isso a função reguladora do Estado.

Dir-se-á que é reguladora, mas se é reguladora é para todos. Não contesto em nada a sua observação, pelo contrário, desde que essa autorização não demore dois ou três anos a obter como

tem demorado até agora. Hoje em dia, a globalização obriga a respostas prontas, a reacções rápidas. Um nicho de mercado – falemos desta forma brutal – ou é preenchido na altura por quem tem a percepção da necessidade dessa formação ou vem outro. Quando se cerceia a possibilidade de os privados darem resposta a essa necessidade de formação, lá estão os públicos que, em menos de um fósforo (pela diferença de regras para eles, em relação aos privados), obtêm essa vantagem comparativa.

Considera que isso é assim intencionalmente?

Acho que há um *parti-pris* ideológico.

Aquilo que aconteceu com a Moderna e a Independente afectou a imagem de conjunto do ensino superior privado em Portugal?

Aqueles dois casos, felizmente, foram casos muito particularizados. Acho, no entanto, que não puderam deixar de afectar essa imagem aos olhos de muita gente. Até porque havia pessoas interessadas em que afectassem.

Quem?

Sempre aqueles que têm o *parti-pris* ideológico contra o sector privado. Claro que o que se passou não deixa de afectar um pouco a imagem das universidades. Embora nós saibamos que essa situação não reflectiu, nem de perto nem de longe, a situação geral do sector privado. Um sector que só pede igualdade de tratamento. O sector privado não quer ter uma situação de privilégio em relação ao sector público.

No final dos anos noventa – numa época em que ainda cá não estava – a Universidade Atlântica também esteve à beira da ruptura.

Sim, passou por um período mau.

Hoje é uma instituição saudável?

Hoje é uma instituição absolutamente saudável.

Dá lucro?

Tem resultados positivos. Quando eu vim para cá, em 2002, [*levanta-se para ir buscar uma pequena agenda, que consulta*

rapidamente] tinha resultados negativos de 126 mil contos e no ano passado deu resultados positivos de 150 mil contos. Na moeda antiga. Em 2002 tinha duzentos alunos, hoje tem mil e cem.

O que é que mudou?

[*longa pausa*] Eu não tenho um conhecimento detalhado do período que me antecedeu. A universidade começou a funcionar em 1996. Sei que, desde que eu estou aqui e sobretudo desde que o reitor da universidade é o Professor Nelson Lourenço, tem havido um clima de estabilidade que houve pouco, antes de eu assumir estas funções. As administrações e os reitores mudavam com muita frequência. Como em todas as instituições, onde há estabilidade com senso comum, bom senso, sensatez – e competência, evidentemente – é difícil não haver crescimento. Alguns dos accionistas que já estavam afastados voltaram a rever-se no projecto e a aproximar-se dele. Isso foi muito importante. O aumento exponencial do número de alunos obrigou-nos a encontrar respostas novas e a redimensionar tudo isto. Estamos na Fábrica da Pólvora de Barcarena, que não é um sítio fácil para trabalhar. Embora esteja em equação o facto de o nosso *campus* vir, eventualmente, a mudar de sítio.

Isso é uma possibilidade a curto prazo?

Não. É uma perspectiva que, a concretizar-se, acontecerá a médio prazo.

Já têm em vista o local para onde gostariam de levar a universidade?

O local é o concelho de Oeiras. O município de Oeiras é o principal accionista da Universidade Atlântica. Não sei se sabe mas o primeiro concelho onde os fundadores da universidade pensaram instalá-la foi Cascais. O presidente da Câmara de Cascais, pouco inteligente...

Está a falar de José Luís Judas, presidente do município em meados dos anos noventa?

Já não me recordo. O presidente da Câmara de Cascais, na altura, de vistas curtas, decidiu que a universidade era uma coisa pouco importante e não ligou nenhuma. Os fundadores vieram então propor ao Dr. Isaltino Morais, que é o contrário de tudo isso, a criação da universidade no concelho de Oeiras. O projecto foi aceite como processo, também, de requalificação da Fábrica da Pólvora. Aquilo que começou como uma aposta duvidosa em 1996 revela a justiça da análise que o Dr. Isaltino Morais fez na altura, visto que em 2008, doze anos depois, essa universidadezinha de então é hoje em dia uma universidade respeitada, prestigiada e com credibilidade. A Atlântica é hoje, portanto, uma realidade sólida.

Ainda não me disse foi onde gostaria de ver o *campus* perante essa possibilidade de virem a mudar de espaço.

Eu gostava de ver o *campus* num sítio adequado.

Não há ainda nenhuma zona em vista?

Não sei. O presidente da Câmara tem falado na possibilidade – o que faria todo o sentido, havendo em Oeiras um Parque da Ciência e Tecnologia, onde de



resto já está instalada uma instituição pública de ensino superior...

Está a falar do Tagus Park, onde funciona o pólo do Instituto Superior Técnico.

Exactamente. Um parque onde coabitam empresas de tecnologia de ponta. Essa é uma área que não me importaria nada de ver como localização potencial da Universidade Atlântica.

Isso ainda não está definido?

Não. Porque não estamos a falar, propriamente, de transferirmos uma cadeira de sítio. Isto envolve uma série de problemas que têm de ser muito bem ponderados. Em primeiro lugar, questões de planeamento municipal que não nos competem a nós. Em segundo lugar, questões económicas e financeiras e outras que têm de ser analisadas com muita parcimónia.

A Atlântica, no ano passado, também teve o nome nos jornais devido a uma

polémica de ordem política. O inquérito que o presidente da Câmara pediu, quando voltou a ocupar o cargo, teve resultados?

O que houve foi um pedido de esclarecimento sobre aspectos passados da vida da Universidade Atlântica, solicitados pelo accionista Câmara Municipal de Oeiras. A administração e os accionistas deram as respostas solicitadas pela Câmara Municipal de Oeiras, que se deu por satisfeita com as respostas que lhe foram transmitidas.

É favorável à elaboração de um ranking das universidades portuguesas?

Sou. Só que temos de saber do que estamos a falar quando falamos de um ranking.

Um ranking de qualidade.

Claro. Eu sou favorável à elaboração de

rankings em todos os aspectos da vida pública.

Há padrões internacionais para se fazer essa avaliação.

Com certeza. Era isso que eu ia referir. Desde que os padrões de aferição sejam padrões cientificamente reconhecidos.

É aqui que está o meu porém. Se forem padrões aleatórios, subjectivos, dirigidos, então sou contra o ranking e contra a seriação.

Se houvesse agora, da parte do Governo, a decisão de proceder à elaboração de um ranking...

Não tenho nada a opor. Embora, como sabe, só há relativamente pouco tempo tenha sido constituída uma agência de avaliação e acreditação do ensino superior, apesar de já haver antes disso um conselho nacional da avaliação do ensino superior. De resto distintamente presidido pelo Professor Adriano Moreira. Ranking só com uma agência que funcione com base em padrões internacionais reconhecidos, aplicados objectivamente.

Há condições para isso se fazer de imediato?

É difícil. Quer dizer, há condições para começar a preparar uma seriação séria e desejável do ensino superior português. A aplicação ao ensino superior do processo de Bolonha fez com que houvesse uma verdadeira revolução na forma de trabalhar das universidades, cujos efeitos ainda estão por sentir, verdadeiramente. Não é, seguramente, no meio de uma revolução que nós vamos estabelecer padrões de comportamento quotidiano. Como sabe, numa revolução não há lugar ao quotidiano.

Essa revolução ainda está em curso?

Ainda está. Espanha só começou a aplicar Bolonha no ano passado. A alteração do paradigma de ensino decorrente do processo de Bolonha vai obrigar a uma grande capacidade de adaptação.

Qual é o desafio principal?

A questão principal tem a ver com a forma como se ensina e como se aprende. Uma coisa é transmitir conhecimentos no ensino clássico. Outra coisa é o ensino tutorial, que aponta para uma relação, no limite quase individual, entre aluno e professor. Um paradigma de ensino que muitas escolas vão demorar muitos anos a obter. Até porque a situação em que estamos, neste momento, é uma situação de crise económica e financeira profunda, em todo o mundo.

O esforço que é pedido às universidades é maior?

Muito maior.

É sabido que as revoluções provocam sempre vítimas. Prevê que neste sector também venha a haver vítimas dessa revolução que está em curso?

Admito. Para mim, o mercado não é um bezerro de ouro. É bom que haja mercado, é bom que funcione, mas é bom que seja regulado e não pelos agentes do mercado. Ora, as universidades privadas estão no mercado: o mercado do ensino superior. Esse mercado aumentou exponencialmente nos últimos trinta anos mas agora os problemas demográficos portugueses – com a existência de cada vez menos jovens por casal – fazem com que cheguem cada vez menos jovens ao ensino superior.

Vai aumentar a taxa de mortalidade entre as universidades?

Digamos que, sendo a procura inferior àquela que existia há quinze ou vinte anos atrás, as universidades ou se adaptam ou morrem. Por isso é que

eu, há pouco, falei na falta de regulação do Estado. A projecção demográfica nacional já devia ter levado a exigências e propostas por quem de direito. Exigências decorrentes de uma queda preocupante da natalidade, no que diz respeito à economia do médio e longo prazo. Propostas no sentido de contrariar esta tendência, por um lado, e no sentido de levar a economia a adaptar-se a estas circunstâncias.

Isso não está a acontecer?

Isso não acontece.

Com isto estamos a voltar à política.

Com certeza. *Politique d'abord.*

Equaciona a possibilidade de voltar à política activa?

Não excludo.

Aceitaria voltar a ser candidato autárquico?

Eu, neste momento, sou autarca.

É o presidente da Assembleia Municipal de Sousel. Mas eu estava a referir-me à hipótese de voltar a candidatar-se a um cargo executivo.

Não tenho nada contras mas também não tenho nada a favor. Não é uma área de eleição, para mim, neste momento. Já fui presidente de uma Câmara durante dezasseis anos.

Isso quer dizer que já tem que bastar dessa experiência?

Não. Agora estou na universidade. Não o excludo mas não suspiro por isso. Aquilo que eu não excludo, isso sim, é voltar à vida política activa. ♥



Com certeza. Era isso que eu ia referir. Desde que os padrões de aferição sejam padrões cientificamente reconhecidos. É aqui que está o meu porém. Se forem padrões aleatórios, subjectivos, dirigidos, então sou contra o ranking e contra a seriação.



RENOV

Reconstruindo o futuro sem hipotecar o passado

texto de Carla Rocha
fotos de Carlos Santos

João Pedro Abreu foi o vencedor da primeira edição do Prémio RENOV, prémio de recuperação arquitectónica de Nova Oeiras, instituído pela Câmara Municipal de Oeiras.

Um prémio mais do que merecido, tendo em conta a preocupação amiúde com a recuperação da casa onde habitam. Embora não seja arquitecto, João Pedro considera-se um purista e a recuperação na nova casa fez com que sentisse a casa como sendo feita à sua medida, sem hipotecar a excelência da arquitectura de origem. Um exemplo a seguir.



Fachada poente | Situação anterior



Fachada poente | Situação actual

A escolha do sítio e a compra da casa

Quando João Pedro e esposa resolvem comprar casa, escolheram o sítio, Nova Oeiras. Após a decisão do sítio, não se desviaram do plano traçado até encontrarem uma casa: «Vivia na Parede e quando eu e a minha esposa começamos a pensar em alternativas para vivermos, conhecemos o Bairro de Nova Oeiras e nessa altura decidimos que era ali que queríamos viver. A primeira decisão foi o sítio e depois demorou muito tempo até conseguirmos a casa». Demorou algum tempo, mas em 2005 conseguem o seu propósito. A casa foi adquirida num estado debilitado, a necessitar de obras, mas nada que preocupasse a família Abreu. Planeiam as obras sob a orientação de um arquitecto e sempre com a preocupação em manter a estrutura original da casa. Para isso, foi importante anular algumas obras realizadas pelos anteriores proprietários e ir a fundo à estrutura original do prédio que foi criado na década de 60. As obras demoraram 6 meses: «Houve uma grande preocupação em manter a estrutura, até porque uma das coisas que gosto muito no bairro é o projecto do Bairro em si, a arquitectura da época». A casa, para além de estar em mau estado, tinha sido alvo de obras que iam contra o gosto de João Pedro: «Sou um purista e embora não seja arquitecto, gosto de arquitectura e gosto, acima de tudo, que as coisas sejam bem feitas. Não gosto de marquises, que a casa tinha. Não gosto de coisas 'assucataadas', mal feitas e acima de tudo, incomoda-me que num prédio cada um faça obras exterior como bem lhe apetece sem ter em conta o prédio em si como um todo.»

Quando a família Abreu partiu para as obras, o prémio RENOV ainda não tinha sido instituído e o levantamento que João Pedro fez das obras, fê-lo por curiosidade: «Achei que era interessante vermos, um dia mais tarde, como era a casa e como a transformamos».

Começam as obras

Pelo pouco que vamos conhecendo do João Pedro, é fácil perceber o que é que nas obras lhe deu um especial gosto fazer: «Acabar com a marquise deu-me um especial gozo. Depois gostei de voltar a recuperar as varandas que tinham sido substituídas por um muro contínuo de tijolo».



O regulamento do prémio possui alguma flexibilidade para que os proprietários possam adaptar a casa à realidade, embora relativamente à fachada nascente exija que seja igual à original, o mesmo não acontecendo com a fachada poente, mas João Pedro foi mais longe e fez mesmo o que não era exigido: «mesmo na fachada poente, colocamos exactamente como era na sua origem. Quisemos igual ao original com excepção à zona da cozinha que originalmente tem uma grelha de cimento que já tinha sido destruída e já não se constrói grelhas de cimento daquela maneira, porque são dos anos 60. Neste caso, o GALNOV – gabinete de apoio local de Nova Oeiras, propôs substituir as grelhas de cimento por estores de alumínio, e

assim fizemos. No interior, quisemos manter a métrica do plano original de arquitectura, até porque essa métrica original da casa permite algo muito engraçado que é o facto de a luz atravessar a casa de um lado ao outro, do lado nascente consigo ver as árvores do lado poente. Mesmo para a circulação de ar é excelente. Depois fizemos algumas adaptações à maneira como íamos ocupar a casa, até porque a casa originalmente tinha cinco assoalhadas e nós não precisamos de tantos quatinhos pequenos. Como tal fizemos uma cozinha maior. No fundo adaptamos a casa à utilização contemporânea. A casa de origem não tinha arrumação, roupeiros, por exemplo, e que tiveram de ser incluídos na obra.



Varanda Nascente | Situação actual



Varanda Nascente | Situação actual



Cozinha | Situação anterior



Cozinha | Situação actual



WC | Situação anterior



WC | Situação actual



Após as obras

Hoje a família Abreu tem uma casa à sua medida: «houve alturas em que hesitamos, mas depois pensávamos que era uma oportunidade que tínhamos de fazer uma casa à nossa medida. Não era uma casa standard, com acabamentos standard e igual a tantas outras. Acaba por ser mais nossa por termos participado na obra.

O valor pecuniário do prémio é de cinco mil euros, e embora não tenha sido o prémio o mola dinamizadora das obras, primeiro porque ainda não existia e segundo porque o valor total das obras foi consideravelmente superior ao valor do prémio, o que deu gozo à família Abreu está intimamente ligado ao valor arquitectónico do prédio: «custou dinheiro,

até porque gastamos à volta de cinquenta mil euros só em obras, mas contribuir para que algo volte a ser como tinha sido desenhado pelo arquitecto, para mim é sobejamente compensador».

Depois de tanto esperar pela casa, das angústias das obras, será que algum dia a família Abreu pensa sair de Nova Oeiras: «Se um dia sair, vou sentir sempre que aquela casa é minha, porque foi feita à nossa vontade. E acho difícil sair porque é muito bom viver em Nova Oeiras. As casa hoje em dia estão muito viradas para dentro e ali não, estão viradas para fora. Há uma ligação com o exterior que é muito pouco comum num apartamento».

Um vencedor inequívoco! ♥



LIMITE-FORTE

texto de Luis Maria Rodrigues Baptista
fotos de Luis Maria Baptista e Sérgio Serol

No Limite era o Forte.

Entre o céu e a terra, entre a terra e o mar, muitos são os Fortes construídos ao longo da linha de costa do nosso concelho. Por providência divina, estratégia militar defensiva ou simplesmente receio de visitantes inesperados, o facto é que são inúmeros os Fortes que povoam a nossa linha de costa.

Forte de São Julião da Barra (Forte da Ponta de São Gião) (1553); Forte de São Lourenço da Cabeça Seca (Torre do Bugio) (1590); Forte de São João das Maias (1644-1653); Forte de São Bruno (1647); Forte da Nossa Senhora de Porto Salvo (Forte da Ponta do Guincho ou Forte da Giribita) (1649); Forte de Santo Amaro do Areeiro (1640-1656); Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete (1762).

Podemos afirmar com alguma graça, pela quantidade de Fortes enumerada, que o forte do nosso concelho são os Fortes.

Detenhamo-nos então no primeiro e no maior de todos eles

a ser construído: o Forte de São Julião da Barra, limite potente do nosso concelho.

Mandado construir no reinado de D. João III, por recomendação e desejo de seu pai D. Manuel I, na ponta de São Gião onde outrora existiu uma pequena capela com o mesmo nome, é de longe a mais grandiosa e notável fortificação marítima do país. Construído ao estilo do grande especialista da época em construções desta natureza o francês Sébastien Le Prestre de Vauban, tinha como principal função controlar conjuntamente com a Torre do Bugio, com quem forma a grande porta marítima de entrada no oceano, a entrada e a saída dos barcos na Barra do Tejo e permitir o acesso ao Porto de Lisboa.

Esta fortaleza construída na margem direita do Tejo, junto à confluência das barras norte e sul, como alternativa estratégica defensiva complementar ao Castelo de São Jorge e à Cerca Moura, deve os seus planos primitivos ao arquitecto



Miguel Arruda que ao longo do tempo foi assumindo na sua construção responsabilidades diversas de levar a bom termo esta grande empresa, construída com a ajuda de mão de obra prisioneira. Outros ocuparam o seu lugar ao longo do tempo nessa missão de ampliação e reforço como o arquitecto Giácomo Palearo a partir de 1580 e o arquitecto e engenheiro militar Leonardo Torriani, a partir de 1597. Ao longo do tempo não deixou de sofrer ampliações e remodelações sucessivas que o tornaram no maior e mais poderoso forte de Portugal.

Com planta irregular, pentagonal, estruturada em três níveis altimétricos, podemos aí encontrar todo um conjunto de espaços programáticos, qualidades e elementos arquitectónicos associados a este tipo de construções erguidas em pedra rija esquadrada e alvenaria rebocada. Muralhas espessas, revelins, baluartes, esplanadas, baterias, guaritas, caminhos de ronda, fossos, rampas e ponte

levadiça são os elementos do abecedário arquitectónico que compõem esta grande edificação.

Casa do Governador, quartéis, paióis, depósitos, capela, casamatas, cisterna, farol e alojamentos da guarnição são alguns dos espaços programáticos que a constituem.

Apesar das qualidades defensivas que pretendia garantir não deixa de ser curioso que tenha sido tomado por terra, o seu lado mais vulnerável, pelas tropas filipinas, sob comando do Duque de Alba, em 1580.

Também as tropas de ocupação francesas de Napoleão Bonaparte, sob o comando do general Jean-Andoche Junot, montaram aí o seu quartel-general em 1807.

As alterações programáticas a que desde muito cedo esteve sujeito, variaram entre espaço de função defensiva, prisão política e farol, funções essas que chegou a albergar simultaneamente.

Desactivado militarmente em 1951, passou a ser espaço de recepção de visitantes ilustres e pousada de membros do

governo. É actualmente a residência oficial do Ministro da Defesa Nacional.

Os antigos quartéis foram transformados em espaços de convívio social: salões de recepção, sala de jantar e biblioteca.

No entanto é como farol, mandado reconstruir, depois do terramoto de 1755, durante o consulado de Marquês de Pombal, com mais seis metros de altura, que este magnífico exemplar de arquitectura militar, conserva a sua aúrea de notabilíssima construção pelo facto de continuar a ser conjuntamente com o Farol do Bugio, a grande Porta-Limite de entrada e saída que alivia e recebe calorosamente quem chega e que deseja boa ventura a quem se atreve a ultrapassar o seu limiar.

Limite-Forte.

Com o passar do tempo, a partir do conhecimento prévio que tinha deste grande acontecimento arquitectónico e da vanta-

de que tinha em aproximar-me dele de modo mais intenso; depois de passar horas a admirá-lo atentamente, de tanto olhar as suas imensas/espessas paredes-muralha, para aqui poder falar dele doutro ponto de vista, percebi que um Forte neste tipo de situação geográfica não é mais que um espaço de diluição poética da matéria, onde se concentram todo o tipo de energias do homem, desde as mais primitivas, guerreiras, até às mais essenciais, associadas a vitórias espirituais e imaginárias do homem.

Percebi que um Forte é um espaço - intervalo poético entre a terra e o mar, que faz a transição material e habitada entre realidades materiais bem distintas. Que é neste tipo de intervalos que estão guardados todos os segredos (i)materiais e imemoriais da História (do nosso concelho).

Os Fortes são as construções naturais de encontro e intersecção entre as forças líquidas e sólidas da natureza e a força de manutenção da espécie humana e do seu respectivo território.



O grande segredo de todas estas fortificações é que se apresentam como cristalizações / sedimentações poéticas dos medos reais e ideais do homem e da luta travada entre eles com / contra a natureza, aquando da sua construção nessas condições naturais.

Mesmo ali no espaço fronteira, no intervalo de encontro, onde os estados materiais líquido e sólido se fundem um no outro, onde um termina e outro começa, aparecem estes limites-fortes, de paredes espessas com janelas-ecrãs de defesa ou ameias habitáveis, de onde se

pode olhar o mar, ver o pôr do sol e devanear em segurança total / corporal. No limite mais ténue, onde a água desaparece por entre a areia e as rochas, aparecem à superfície, miniaturas rochosas / rochedos-maquete mais ou menos geométricos destes grandes acontecimentos, sujeitos a bombardeamentos, rebentamentos e explosões de areia e água, resultantes da invasão das mãos daqueles que a palmo percorrem puerilmente estes Limites-Fortes (do nosso concelho) e desse modo os incorporam na sua própria realidade pessoal.

Um Limite-Forte é aquele que apesar da sua robustez, não descarta as possibilidades de exercitamento onírico da percepção, dos espaços/humanos que se aproximam dele, com o único intuito de aí se sentirem seguros na intensificação e experimentação da imaginação dos sentidos.

Um Limite-Forte é aquele que se dá a conhecer, sem medo de entrar em ruptura, consciente da sua realidade e da sua condição de espaço-intervalo de ligação/transição entre duas realidades ainda que distintas do ponto de vista material, complementares e inseparáveis do ponto de vista universal, da realidade onde se insere.

Um Limite-Forte explora e altera até ao limite a sua condição material sem entrar em ruptura.

É um espaço por excelência de exercitamento, transformação, reabilitação e criação da Memória. Exercitemo-la.

Os Fortes do nosso concelho são assim, discretos e (i)memoriais. Em silêncio continuam a tomar conta de nós, dando-nos a sensação de que “aqui” estamos seguros. ♥



RISE

a ferramenta da autarquia
na criação de escolas exemplares

texto de Carla Rocha
fotos de Albérico Alves





À medida que o papel dos municípios portugueses no sector da educação tem vindo a crescer, nomeadamente desde 1984, ano em que foram transferidas competências ao nível do planeamento e financiamento de alguns serviços e equipamentos educativos, até à mais recente alteração através do decreto-lei nº 7 / 2003 que torna a autarquia co-responsável com o Ministério da Educação no que concerne aos resultados obtidos, que a autarquia de Oeiras impregnou uma dinâmica de forma a tornar as suas escolas em escolas-referência. Entre as várias políticas que concebeu para dar forma ao novo conceito de escola de modo a impregná-las de maior funcionalidade, destaca-se o projecto RISE – Rede Integrada de Serviços de Educação. Este projecto, integra um conjunto de subprojectos complementares e de especial impacto na optimização dos processos de gestão de conhecimento em educação, e na disponibilização de plataformas tecnológicas na rede de escolas que estão sob a tutela da autarquia. No fundo, de uma maneira mais simples, este projecto vem aproximar os elementos que interagem, tais como professores, pais, alunos e autarquia, dotando-os de maior dinâmica e competência. As práticas burocráticas e lentas que estavam em acção, passarão a ser agilizadas sob o suporte de uma infra-estrutura tecnológica. Por exemplo, as senhas de refeição que até aqui podiam ser adquiridas com a deslocação do encarregado de educação à autarquia ou às juntas de freguesia, passarão a ser possíveis através de um simples click a partir de um computador. Mas esta, é apenas uma das muitas possibilidades que vai diminuir, substancialmente, a burocracia existente. O RISE, integra duas componentes distintas, mas que são complementares: o Data Center da Educação do Município e a Infra-Estrutura Tecnológica das escolas públicas constantes na rede de escolas do município. Vamos esmiuçar este projecto de forma a nos inteirarmos melhor do que se trata.

Data Center da Educação do Município

O Data Center da Educação do Município, disponibiliza as informações mais variadas e complementares, tais como:

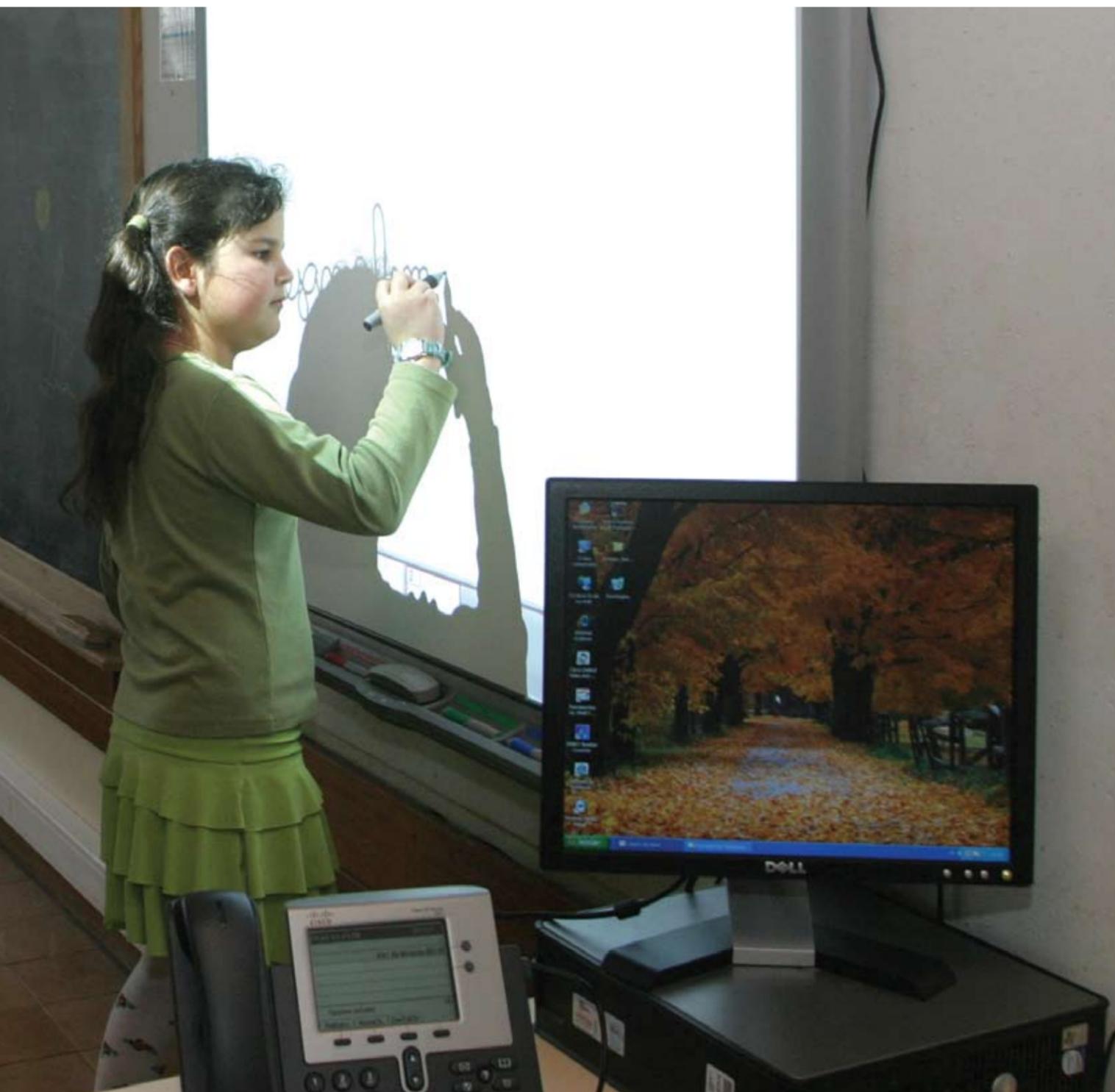
1. Portais de gestão colaborativa de conteúdos de educação do município, agrupamentos, escolas e turmas. Estas ferramentas permitem à comunidade educativa,



nomeadamente professores, alunos, encarregados de educação, gestores e prestadores de serviços educativos, uma permanente partilha de informação e de conhecimentos. Desta feita, a interactividade potencializará os resultados positivos e a célere troca de experiências.

2. Indicadores e relatórios de gestão da carta educativa, ou seja, trata-se da implementação no município de um sistema de informação que produz indicadores e relatórios relacionados com as políticas locais de educação, bem como gestão da informação da carta educativa do concelho;
3. Gestão de refeições de alunos. Como já foi referido, esta

ferramenta possibilita a gestão da compra on-line e presencial de créditos de títulos de refeição, comumente designada de senhas escolares, pelos encarregados de educação. Para além da óbvia simplicidade do processo, que em muito facilitará a vida aos encarregados de educação, esta ferramenta é de igual modo importante para a gestão e controlo, em tempo real, das receitas, custos e qualidade inerente ao processo e gestão e fornecimento de refeições, por parte do município. Os resultados, levarão a uma optimização dos processos de previsão e planeamento de consumos nos refeitórios escolares;



4. Gestão de pedidos de intervenção nas infra-estruturas escolares. Este quarto ponto é de todos aquele que poderá ser menos visível para o munícipe, mas de maior importância para a boa prática das ferramentas instituídas. Este subprojecto assegura o encaminhamento e gestão da execução dos diversos pedidos de intervenção, bem como apoio e manutenção dos equipamentos educativos. Ou seja, esta ferramenta permite aos utilizadores credenciados de cada unidade escolar a submissão de pedidos on-line aos serviços do município. Para além dos pedidos de foro mais técnico de reparações e manutenção, este instrumento possibilita pedidos de utilização de auditórios, de transportes, aparelhagens, inscrições em actividades dirigidas ao público de idade escolar e promovidas pelo município, bem como os pedidos de subsídio de acção escolar.

Parte integrante do Data Center são os sistemas de equipamentos que permitem a execução o projecto em si, tais como, rede LAN/WAN para ligações do município às escolas, os sistemas centrais de gestão de telefonia IP e videochamada, correio electrónico e internet.

Infra-estrutura Tecnológica

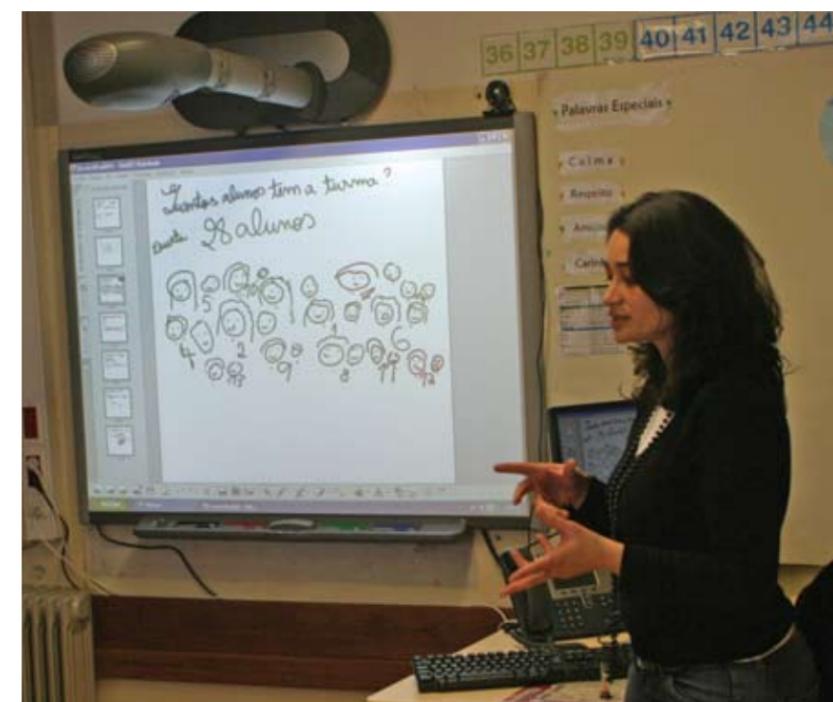
Esta componente mais não é do que os equipamentos cruciais para a implementação do projecto RISE. Ou seja, estes sistemas e equipamentos incluem, em cada escola, as infra-estruturas de base como as redes eléctricas, suportadas por unidades UPS (em linguagem comum, trata-se de aparelhos que geram energia em caso de falha eléctrica), dedicadas aos sistemas informáticos, bem como as redes UTP categoria 6 e respectivos sistemas de networking LAN/WAN para disponibilização de serviços IP em todas as salas de aulas. Também fazem parte do projecto a instalação, em cada sala de aula e espaços comuns da escola, os seguintes equipamentos: quadros interactivos SmartBoard, computadores pessoais, telefones IP com capacidade para a realização de vídeo-chamada e pontos de acesso wireless para acesso à rede da Câmara municipal de Oeiras.

O futuro das nossas crianças começa hoje e queremos disponibilizar todas as ferramentas para que o possam construir de forma confiante, estruturante e firme. ♥

ESCOLA
EB1/JI Cesário Verde
EBI Dr Joaquim de Barros
Ji Ducla Soares
EBI Miraflores
EBI S. Bruno
EB1/JI Manuel Beça Múrias
EB 1 Sylvia Philips
EB1 Conde de Ferreira
EB1 Dionísio dos Santos Matias
EB1/JI S. Bento

No quadro em anexo, estão as escolas previstas para a conclusão do projecto RISE até ao final de 2008.

A escola Sá de Miranda que já tem o projecto instalado e em funcionamento.





Cool Jazz Fest 2008-10-06

Inesquecível é a palavra certa para os concertos inseridos no Cool Jazz Fest 2008, que decorreram no jardim do Palácio do Marquês em Julho passado. A quinta edição que Oeiras acolhe teve no palco verdadeiras referências da música internacional, como foi o caso de Herbie Hancock, Mayra Andrade, Caetano Veloso e a já repetente Diana Krall. O Cool Jazz Fest é um evento que respeita e proporciona a liberdade de fusão de diversos estilos de música, permitindo explorar outras sonoridades, transportando o jazz para a actualidade musical, criando um ambiente único, descontraído, divertido e Cool.



Ciclo Internacional de Jazz de Oeiras

O som da surpresa

No passado mês de Setembro decorreu no auditório Ruy de Carvalho em Oeiras a quinta edição do Ciclo Internacional de Jazz de Oeiras. Este ano o ciclo ficou marcado pela justaposição da música de dois nomes norte-americanos, frequentadores habituais de Nova Iorque, com a música de dois nomes portugueses. Estamos a referir-nos ao Trio FLY, que reúne dois acompanhantes do pianista Brad Mehldau, Larry Grenadier e Jeff Ballard e o inspirado saxofonista Mark Turner, e ao Quinteto do trompetista TOM HARRELL, cujo mais recente disco "Light On" (2007) tem recebido as mais elogiosas críticas quer nos EUA quer na Europa. Do nosso lado, foram as OJM - Orquestra de Jazz de Matosinhos num projecto dedicado à música do guitarrista americano Kurt Rosenwinkel, que se apresenta igualmente como solista, e o Quarteto do mais conhecido e importante trompetista português, LAURENT FILIPE, com o seu mais recente projecto "The Song Band". Foram quatro grupos de músicos de elevada qualidade, que se complementaram no trabalho criativo, tendo sempre em vista a improvisação, característica fundamental do jazz, através de linguagens bem diversificadas.

O concelho de Oeiras continua, assim, a motivar e a preparar públicos, numa área que parece cada vez mais conquistar novos ouvintes. Se faltou, fique atento que para o ano, há mais.

Café com Letras

No início do Outono o *Café com Letras* regressou com uma nova voz, o escritor Valter Hugo Mãe e a propósito do seu mais recente romance *O apocalipse dos trabalhadores*. Trata-se de uma obra que constitui um retrato do nosso tempo, feito de precariedade, de incertezas e de esperanças difíceis. Um retrato desenhado através de duas mulheres-a-dias, um reformado e um jovem ucraniano que reflectem sobre os caminhos sinuosos do engenho e da vontade humana num Portugal com cada vez mais imigrantes e sobre a forma como isso parece perturbar a sociedade.

Valter Hugo Mãe nasceu em Angola, em 1971. Posteriormente viria para Portugal com a sua família, tendo passado a sua infância em Paços de Ferreira, vivência que, de resto, iria marcar todo o seu percurso literário. É licenciado em Direito e fez uma pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. Actualmente, reside em Vila do Conde e foi fundador e co-responsável pela *Quasi Edições* até 2004. A seguir, lançar-se-ia num novo projecto editorial intitulado *Objecto Cardíaco*.

O seu caminho como escritor e pensador revelou-se cedo, ainda na infância. Nas palavras do autor *escrever é ultrapassar a falta de algo e encontrar satisfação nas palavras. Quando era criança não tinha muitos brinquedos e as palavras eram os meus brinquedos*. Publicou nove livros de poesia, entre os quais figuram *egon schielle auto-retrato de dupla encarnação* (Prémio de Poesia Almeida Garrett); *três minutos antes da maré encher*; *cobrição das filhas* ou, mais recentemente, *bruno littera e pornografia e meditação*.

Também se notabilizou no romance, tendo sido galardoado em 2007 com o Prémio José Saramago a propósito da obra o remorso de *baltazar serapião*. Anteriormente a sua prosa, mais concretamente o livro *o nosso reino*, já tinha sido distinguido pelo Diário de Notícias, em 2004, como o melhor romance português editado nesse ano.

Para além da escrita, estende ainda a sua actividade artística às artes plásticas. Visitou Oeiras, em Setembro, para mais uma conversa com Carlos Vaz Marques.

Veja estas e outras informações em

www.cm-oeiras.pt



Foto de Pedro Guimarães



PAU DE LOURO

Prove esta ideia

texto de Carla Rocha
fotos de Carlos Santos

Num nicho em Vila Fria, abriu um restaurante de fazer crescer água na boca, o Pau de Louro. Com um aspecto diferenciado, desengane-se quem pensa que é dispendioso. Ali, qualidade e requinte existe a troco de uma refeição perfeitamente acessível a todas as bolsas. Não acredita? Vá ver, ou melhor, vá provar por si mesmo!

Frederico Vidal resolveu dar uma volta à sua vida de 360° ao pedir a demissão da empresa onde trabalhava na área comercial para açambarcar a ideia de abrir um restaurante. A loucura parece acentuar-se quando sabemos que, em vésperas do seu pedido de demissão, tinha sido promovido para um cargo que lhe dava, não só gratificação profissional como aumentava, de forma significativa, os rendimentos. Mas os sonhos podem ser realidade se formos em sua busca e depois de umas férias, em Dezembro último, resolve ir de encontro à sua vontade, vontade essa que lhe mordida o pensamento há mais de um ano: «Tive muitas noites sem dormir, mas isso foi até tomar a decisão. Foi complicado, mas depois da decisão tomada é andar para a frente. E só foi mais difícil tomar essa

decisão porque tive um percurso profissional muito bom, tinha acabado de ter uma filha... nada disso facilita a decisão de corte». Depois do primeiro passo, foi andar para a frente sem pestanejar. Escolheu o sítio, um pouco pela sua envolvência: «escolhi este espaço porque queria estar perto de uma zona de empresas e, aqui à volta, temos zonas empresariais que estão a crescer, embora, por outro lado, não seja uma zona de passagem. Só cá vem quem tem mesmo o intuito de vir aqui». Mas como é que tudo começou? «Acho que a restauração sempre esteve dentro mim. Minha mãe foi a primeira pessoa a incentivar-me a fazer as minhas refeições, e dessa forma desenvolvi o gosto. Paralelamente ao meu trabalho, fui tirando uns cursos práticos de culinária. Cada vez fui gostando mais



e ficando com maior à vontade com as panelas e a ideia de ter um restaurante foi tomando forma dentro de mim». Estavam lançadas os pilares para a criação do restaurante Pau de Louro, e pau de louro porque este suporta, de forma grandiosa e adequada, a carne de vaca, as lulas e... preparados para a surpresa, o Bacalhau. A Espetada de bacalhau é um dos pratos fundamentais deste restaurante.

Este restaurante obedece a um conceito a que os amigos de Frederico afirmam ser 'maluco', isto porque o Frederico quer dar o máximo de qualidade a um preço baixo: «Quando optei por este negócio não quis ser mais um, mas sim ser um restaurante que se diferenciasse dos demais, e sei que é possível qualidade a um preço reduzido. Embora este caminho me dê a sensação que assusta as pessoas». Assusta? «Sim, o meu restaurante está muito arranjado para um restaurante de almoços. Quis fazer deste espaço um sítio giro, aprazível, onde as pessoas pudessem almoçar com toalhas de pano e indivi-

duais, mas as pessoas olham para o espaço e pensam que, com este aspecto, é certamente caro. O que não é verdade!». Frederico reinventa a cozinha tradicional portuguesa e dá-lhe outra dimensão. Neste espaço pode deliciar-se com uns ovos com farinheira, carpaccio de beringela, as espetadas de vaca, lulas e bacalhau, sushi entre muitas outras iguarias de fazer esquecer as dietas.

Prove esta ideia! ♥

Horário: almoços de segunda a sexta-feira jantares sextas e sábados

Aceitam reservas para grupos (mínimo 10 pessoas) sete dias por semana

Pau de louro

R. Carlos Paião, nº15

Vila Fria - Porto Salvo

Telf: 916 866 949

Comandante Armando Soares

«*Todos os homens morrem, mas nem todos vivem*»
frase de William Wallace colocada no blog sobre
o Comandante Armando Soares por sua filha Maria Eduarda

texto de Carla Rocha
fotografia cedida pela família

A tarefa árdua, por tão extensa e receio de falhas, de falar do Comandante Soares vem repleta de emoção, por descortinar a existência tão cheia e preenchida de um homem que mais parece ter vivido não uma, mas várias vidas.

Armando Soares nasce a 21 de Junho de 1926 na freguesia de Paranhos, numa altura em que os carros eram todos pretos e os frigoríficos todos brancos e a brilhantina era fundamental em cada cabeleira farta. Nasce homem bonito, charmoso e gracioso no seu 1,75 m de altura. Cedo se apaixona e cedo se casa. O casamento, não obstante de durar pouco tempo, foi o suficiente para o nascimento de dois filhos, Serafim Soares, em 1945, com apenas 19 anos e Maria da Conceição Soares, três anos depois. Com o fim do casamento, Armando So-

ares, que se formara como Técnico de Contas, resolve emigrar para São Tomé, não só para orientar sua vida, mas provavelmente para mitigar a dor de uma união desfeita.

De São Tomé vai para Angola. Aqui, sente-se em casa. Adopta o país de tal forma que dá de si ao ponto de se transformar num elemento dinamizador e fundamental daquele país africano. Com apenas 29 anos, Armando Soares é um dos fundadores dos Bombeiros Voluntários de Sá da Bandeira. O dar-se em prol do próximo, nunca mais o vai largar. Sente-se pleno quando ajuda; é mais feliz, quando dá de si. Sempre correcto, sempre em pose, Armando calcorreia a vida como o faz ao andar: certo e eficaz. 1955 é um ano em cheio, para além da criação dos Bombeiros, nasce a sua





terceira filha, Maria Eduarda Soares, fruto de uma paixão que nunca pode cimentar no papel por não estar efectivamente divorciado da sua primeira esposa. Mas isso, são trocos numa vida tão intensa. Nunca se deteve nos percalços, nunca soçobrou nas vicissitudes.

Mais uma vez, no prazo de três anos, como que um relógio britânico, Armando é pai pela quarta vez. Nasce Nelson Armando Soares, estávamos no ano de 1958. Armando encontra-se no auge da sua dinâmica e força. Para além dos Bombeiros, aos quais se dedica de corpo e alma, transforma-se num empresário de sucesso com a criação da fábrica de Velas FAVEL. Como em tudo, também aqui aposta em grande e esta fábrica funciona com alta tecnologia e com os melhores materiais que Armando vai buscar aos quatro cantos do mundo. Uma vez mais, a sorte no amor desaparece e Armando vê sua companheira sofrer de cancro. Numa angústia desmesurada, leva-a a África do Sul, na esperança de uma cura, que não acontece. Fica sozinho com seus dois filhos. Agarra-se ao trabalho. Dedicar-se como nunca aos Bombeiros e em 1966 torna-se Presidente de Direcção dos Bombeiros Voluntários de Sá da Bandeira. Im-

parável, consegue desdobrar o dia em horas infindas. A Fábrica vai de 'vento em popa'. Homem da sociedade Angolana, conhecido pela sua sobriedade e capacidade empreendedora, facilmente percebemos a sua inserção na vida política activa, como vereador da Câmara Municipal de Sá da Bandeira de 1965 a 1976.

No primeiro quadriénio do seu mandato, no ano de 1968, Armando com 41 anos, é surpreendido por uma rapariga pispineta, bonita que o procura a pedir um trabalho. Sempre afável e educado pergunta o que é que ela sabe fazer. A resposta de Teresinha, com apenas 19 anos, não se fez esperar: Não sei fazer nada! Armando sorriu e desarmado com a sinceridade da rapariga, mandou-a ir ter com ele no dia seguinte e arranjou-lhe trabalho na fábrica. Não foi amor à primeira vista, mas foi um amor perfeito, como só os amores maturados e profundos conseguem ser. Entre conhecer e namorar ainda passaram uns anos, mas um belo dia, enamoraram-se para nunca mais se largarem.

Paralelamente, Armando continuava a sua escalada como homem incansável e imparável. Desenvolveu a corporação dos Bombeiros tanto técnica como so-

cialmente, tornando-a num exemplo em todo o País e até além fronteiras. Viviam-se a iminência de uma guerra. Preocupado com os filhos, manda-os para Portugal. Só nessa altura convida Teresinha para se lhe juntar na mesma casa. Entretanto, mais do que namorados, ela transformou-se na sua melhor amiga, no seu braço direito e na mulher que, pacientemente o esperava aquando dos seus parcos momentos de disponibilidade.

A guerra rebenta com toda a sua frieza e dor. Armando, manda Teresinha passar umas férias em Portugal. Ela vem com a raiva de quem não admite abandonar o seu país. Desprovida de medo, Teresinha passa 90 dias em Portugal e regressa para junto do seu amor. Os tumultos eram demasiados. As dúvidas pairavam em cada esquina. Armando insiste para que ela regresse a Portugal, só até a guerra acabar. Ela faz-lhe a vontade até porque receava ser chamada para a batalha. Entre as idas e vindas de Armando, Teresinha engravida. Agora era impensável voltar à sua Angola. Armando tinha acumulado mais uma série de cargos e trabalhos. Angola mantinha-se de pé mas com grande fragilidade.

Em 1975, Armando Soares foi escolhido para liderar a comissão administrativa da Câmara Municipal do Lubango. Teresinha passou a gravidez a chorar, mas nem por isso deu à luz um bebé triste. Armando Agria Soares nasce em 1977 e mostra-se ao mundo feliz e com um sorriso que acalenta qualquer dor. Pela sorte que acompanha os grandes homens, Armando Soares estava em Portugal a passar férias quando o seu caçula nasceu. Deixou de fazer sentido voltar para uma Angola mortificada pela guerra. O duro golpe de começar uma vida do zero, abalou-o, mas não o aniquilou. Teresinha recusa-se a ir viver para o Porto, cidade cinzenta que contrastava, em demasia, com o seu pôr-do-sol angolano, com um amarelo imenso. Por mero acaso, instalam-se em Linda-a-Velha, terra de que nunca tinham ouvido falar. Perdendo tudo, não se quis perder e arregaça as mangas e adquire uma drogaria e tenta, desta feita, ganhar a vida.

Ao seu lado, está o filho Nelson que o ajuda, que o ouve, embora Armando se remetesse ao silêncio inúmeras vezes, numa dor que se cola ao peito. Para trás ficou toda uma vida repleta de vitórias que conquistou por mérito próprio. Sua

fábrica ficou ao 'deus dará', sendo confiscada pelo Estado e desapareceu no horizonte da família Soares. Armando manteve-se cinco anos com a drogaria para de seguida ir para a Liga de Bombeiros como jornalista. Foi com rapidez que passou a chefe de redacção e acabou com administrador, como é apanágio da vida deste grande homem. Dos inúmeros convites que teve para ingressar nas inúmeras corporações de bombeiros, Armando só aceitou ir para os Bombeiros do Dafundo numa altura em que o seu comandante Carlos Andreta saiu. Aceitou porque era perto, dizia ele; aceitou porque sempre se sentiu impedido a ajudar os outros, dizemos nós.

Cansado se uma vida repleta, o Comandante Armando Soares, nunca perdeu o sentido de humor que o caracterizava e deixava a sua dor, os seus fantasmas para exorcizar em solidão, sempre sem querer chatear, sem querer incomodar. Quando consegue o divórcio da sua primeira mulher, Armando pede Teresinha em casamento. Uma vez mais, Teresinha desarma-o: Casar para quê? Desta vez, ele não cede à sua vontade e insiste. Casaram a 20 de Dezembro de 1988 sob o olhar atento do filho Armando, puto traquina e alegre. Certamente

que foi um dia em que se comeu marisco e, a finalizar, um bom leite-creme, porque Armando gostava de comer e de comer bem. O marisco era a sua predilecção, nunca excluindo os doces. Foi encolhendo com a idade, mas nunca esmorecendo. Era usual fazer soltar o riso por quem passasse. Um dia, ficou apático, mais precisamente no dia 8 de Janeiro de 2007. Ninguém notou a não ser a sua mulher, sempre atenta. Ela insistiu, discutiu, esperneou até conseguir levá-lo ao médico. Armando tinha 80 anos e um cancro no cérebro. Tentasse tudo, quando o tudo já não chega. À sua volta, reúnem-se os cinco filhos e Teresinha.

Nele pensam os inúmeros amigos que granjeou ao longo da sua vida. Armando morre a 11 de Dezembro de 2007. Ninguém saberá qual foi o seu último pensamento. Talvez Angola, ou os Bombeiros, ou a Câmara, ou a Cruz Vermelha, ou o Rotary Club, ou a Liga Protectora dos Animais, talvez a fábrica... no fundo, aquilo que cresceu nas suas mãos. Mas tudo leva a crer que tenha elevado seu pensamento ao seu amor, Teresinha, e aos seus filhos, a quem escrevia postais assinando: O teu pai amigo. Um homem que comandou a vida como poucos. ●



ESILMO & S oeiras

oeiras
Marca o ritmo

